



# ARTETERAPIA Cores da Vida

Ano 3 - Volume 4 - Número 4 - Janeiro – Junho - 2007

Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida

ISSN: 1809-2934

Disponível em: <http://www.brasilcentralarteterapia.org>

- Associação Brasil Central de Arteterapia -

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

- ..... 03
- A Arteterapia na Saúde e Educação** 03  
*Ana Cláudia Afonso Valladares (GO-Brasil)*

### ARTIGO ESPECIAL

- ..... 04
- 1 – Contribuições da análise psico-orgânica para a leitura do espaço gráfico em Arteterapia** 04  
*Ana Luísa Baptista (RJ-Brasil)*

### ARTIGOS ORIGINAIS

- ..... 20
- 2 - Fortalecer emocionalmente apenados para a inclusão social** 20  
*Ivânia Maria Nunes de Lima Sberse & Sonia Margareth Brancher Tonatto (RS-Brasil)*
- ..... 31
- 3 – Linguagem e expressão corporal para uma vida melhor** 31  
*Mariléa Bernadete Hoffmann Loos (SC-Brasil)*

### RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

- ..... 41
- 4 – De un pasaje a otros pasajes** 41  
*Liliana Edit Barmak & Mónica Bottini (Argentina)*

### ARTIGO DE REVISÃO

- ..... 48
- 5 – Una pedagogía para la formación del arteterapeuta: estratégicas didácticas en la primera escuela argentina de Arteterapia** 48  
*Alejandro Reisin (Argentina)*

ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

.....  
**6 – Resumo de Tese: A Arteterapia com criança hospitalizada: uma análise compreensiva de suas produções**

*Ana Cláudia Afonso Valladares (GO-Brasil)*

**52**

## EDITORIAL

---

### A ARTETERAPIA NA EDUCAÇÃO E SAÚDE

O 4º volume da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida apresenta sua contribuição como meio de divulgação do conhecimento científico produzido pela Arteterapia, neste volume, em especial do Brasil e da Argentina, direcionado as áreas de Saúde e Educação.

De um modo geral, os artigos aqui apresentados exploram temas relevantes da Arteterapia associados a aspectos mais próximos do terreno assistencial, da Arteterapia como promotora e facilitadora para a emergência de conteúdos inconscientes e do seu acompanhamento em momentos de "transição", relacionados aos presidiários e aos moradores de rua. Os textos do volume 4º também buscam ressaltar o diagnóstico da Arteterapia com a leitura espacial e compreender a importância da cor como elemento básico da comunicação visual, bem como apontam caminhos no âmbito do currículo da Arteterapia.

Isto corrobora o trabalho da Revista como mecanismo instrumentalizador, diminuindo distâncias entre o saber e o fazer em Arteterapia, permitindo que o fazer também possa gerar o saber em muitas instâncias.

*Profª Drª Ana Cláudia Afonso Valladares*

Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida

### The Art therapy in the Health and Education

The Magazine Scientific Art therapy Cores of Life introduces their contribution like knowledge divulgement middle produced scientific by Art therapy, in this volume, in special of Brazil and of Argentina, direction ado of the Health and Education areas.

Of a general way, the here introduced goods explores Art therapy's important themes associates the adjacent aspects in the terrain of assistance, of Art therapy like promoter and facilitative for the unconscious contents emergency and of their accompaniment at "transition" moments, related to the convicts and to the street inhabitants. The texts of the volume 4º also seek stick out Art therapy's diagnosis with the space reading and comprehend the color importance like visual communication basic element, as well as they point ways in the curriculum scope of Art therapy.

This corroborates the Magazine labor while mechanism instrumentalizador, decreasing distances between knowledge and do it in Art therapy, allowing do it can also generate the knowledge in many instances.

*Profª Drª Ana Cláudia Afonso Valladares*

Coordinator of Board Members of Editorial of the Scientific Magazine Arteterapia Cores of the Life

### El Arteterapia en la Salud y Educación

El 4º volumen de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida presenta su contribución como el medio de divulgación del conocimiento científico producido por el Arteterapia, en este volumen, en especial del Brasil y Argentina, diseccionado a las áreas de Salud y Educación.

En general, los artículos aquí presentados exploran temas relevantes del Arteterapia asociados a los aspectos más cercanos al terreno asistencial, del Arteterapia como promotor y facilitador para la emergencia de contenidos inconscientes y de su acompañamiento en los momentos de "transición", relacionados con los presidiarios y los residentes de calle. Los textos del volumen 4º también buscan resaltar el diagnóstico del Arteterapia con la lectura del espacio y comprender la importancia del color como elemento básico de la comunicación visual, tanto como apuntan caminos en el ámbito del currículum del Arteterapia.

Esto corrobora el trabajo de la Revista como mecanismo instrumentalizador, reduciendo las distancias entre el saber y el hacer en Arteterapia, permitiendo que el hacer también pueda generar saber en muchas instancias.

*Profª Drª Ana Cláudia Afonso Valladares*

Coordenadora del Consejo Editorial de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida

## ARTIGO ESPECIAL

---

### 1 - CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE PSICO-ORGÂNICA PARA A LEITURA DO ESPAÇO GRÁFICO EM ARTETERAPIA

Ana Luisa Baptista<sup>1</sup>

**Resumo:** Sendo um instrumento de avaliação diagnóstica ou de acompanhamento da evolução do cliente durante o processo arteterapêutico, a leitura espacial é há muito estudada por diferentes autores nas áreas de Saúde e Educação. Este artigo focaliza a primeira colagem como instrumento de avaliação diagnóstica e seus desdobramentos no decorrer do processo psicoterápico. Para tanto, sintetiza diferentes leituras espaciais em uma única, vinculando o referencial teórico da Análise Psico-Orgânica de Paul Boyesen à Psicologia Analítica de Jung, ampliando o olhar do arteterapeuta, de forma a facilitar a compreensão da dinâmica de caso.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Análise Psico-Orgânica; Psicologia Analítica; Espaço Gráfico; Energia Psíquica.

#### Contributions of organic-psycho analysis to the interpretation of graphic space in art therapy

**Abstract:** Interpretation of graphic space has long been studied by several authors in both health and educational fields, either as a diagnostic evaluation tool or as an attendant method of patients evolution along the art therapy process. This essay aims at the first patients collage as a diagnostic evaluation tool, as well as its development during the psychotherapeutic process. Thus, different interpretation of graphic space are here combined into one, linking the theoretical framework of Paul Boyesen's Organic -Psycho Analysis to the Jungian Analytical Psychology, which amplifies the art therapist perception so as to help him or her better understand the case dynamics.

**Key words:** Art Therapy; Organic-Psycho Analysis; Analytical Psychology; Graphic Space; Psychic Energy.

#### Contribuciones del análisis psico-orgánico para la lectura del espacio gráfico en arte terapia

**Resumen:** Sea como instrumento de evaluación diagnóstica, sea para acompañar la evolución del paciente durante el proceso arte terapéutico, la lectura espacial es estudiada, hace mucho, por diferentes autores en las áreas de salud y educación. Este artículo plantea el tema del primer collage del paciente como instrumento de evaluación diagnóstica y sus desdoblamientos durante el proceso psicoterapêutico. Por lo tanto, sintetiza varios métodos de lectura espacial en un único, enlazando el referencial teórico del Análisis Psico-Orgánico de Paul Boyesen con la Psicología Analítica de Jung, ampliando la percepción del arte terapeuta, de forma que facilita la comprensión de la dinámica del caso.

---

<sup>1</sup> Psicóloga (CRP 05/23146), atuando com crianças, adolescentes e adultos; Arteterapeuta credenciada a AARJ; Especialista em Psicologia Junguiana pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação – IBMR; Psicoterapeuta Corporal em Análise Psico-Orgânica e Psicologia Biodinâmica pela EFAPO (École Française D' Analyse Psycho-Organique) e pelo CEBRAFAPO (Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-Orgânica); Sócia Fundadora do Incorporar-te: Espaço Terapêutico Corpo Artes; Coordenadora do Home Care Terapêutico, dos Atendimentos à Comunidade em Arteterapia e Psicologia do Incorporar-te; Coordenadora dos Atendimentos de Arteterapia a Crianças e Adolescentes Portadores de Neoplasia e seus Familiares; Autora e Supervisora do Projeto *As Formas Marias de Ser*, ambos do Setor de Educação e Atendimentos Psico-Social da Casa Ronald Mc Donald/RJ; Coordenadora de Grupos de Estudos e Vivenciais em Arteterapia, Mitologia e Psicologia Junguiana; Coordenadora da Formação de Terapeutas em Arteterapia desde 1997, com turmas no Rio de Janeiro, Curitiba e Florianópolis; Premiações em Arteterapia e Psico-Oncologia: *Autoria e Arteterapia: o Jogo e a Arte no Adolescer com Câncer* - Melhor Pôster na Categoria Contribuições à Prática da Psico-Oncologia no IX Congresso Brasileiro de Psico-Oncologia e II Encontro Internacional de Psico-Oncologia e Cuidados Paleativos; *As Formas Marias de Ser* – Melhor Tema Livre na Categoria Originalidade no IX Congresso Brasileiro de Psico-Oncologia e II Encontro Internacional de Psico-Oncologia e Cuidados Paliativos.

Contatos: Tel: (55) 21-25356842. Cons: (55) 21-25493912. Site: [www.incorporarte.psc.br](http://www.incorporarte.psc.br) e E-mail: [alb@incorporarte.psc.br](mailto:alb@incorporarte.psc.br)

**Palabras clave:** Arteterapia; Análisis Psico-Orgánico; Psicología Analítica; Espacio Gráfico; Energía Psíquica.

No início do processo arteterapêutico busca-se conhecer o cliente não só através das palavras, mas também por meio de técnicas que facilitem a expressão não-verbal.

Considera-se que cada pessoa como um universo em expressão. A Arteterapia busca então acolher o que esta trás neste primeiro momento das mais variadas formas, sendo reveladora do inconsciente e, também, precursora de acontecimentos. Trata-se de um canal direto de informações do sistema límbico tanto de memórias pré-verbais, como de imagens simbólicas.

Já nas entrevistas iniciais algumas técnicas expressivas são introduzidas, tendo como objetivo trazer mais dados sobre a personalidade da pessoa e sua história.

Geralmente, num primeiro tempo, proponho uma colagem livre, onde se possa escolher figuras que falem de si: sua forma de ser, pensar e agir; seus valores, estilo de vida, coisas que gosta e não gosta etc. Tal escolha é realizada da forma mais livre possível, estando à disposição do paciente um cesto com imagens de revistas recortadas, abordando os mais diversos temas. As imagens que compõem o cesto são escolhidas de forma aleatória. Posteriormente, é solicitado ao paciente que faça uma composição com essas figuras ou partes das mesmas.

A colagem de figuras é uma atividade menos ameaçadora, uma vez que não se pede nada além da escolha de algumas entre as figuras já recortadas e de uma composição simples, realizada de acordo com o desejo do paciente.

Neste processo, a atenção do terapeuta está não só nas escolhas, como também nas rejeições.

A forma como a pessoa cola e recorta também é um dado importante. Colar é ligar uma coisa à outra: estabelece um vínculo. Recortar delimita um foco dentro da figura maior, eliminando partes.

Embora muitas vezes só seja possível compreender uma figura colada ou rejeitada neste primeiro momento meses ou até anos depois - como será mostrado na descrição do caso clínico exposto posteriormente – as imagens coladas trazem temáticas específicas, apontando para conteúdos complexados.

A disposição das figuras sobre a superfície aponta o caminho que a energia psíquica percorre, mostrando como tais temáticas são percebidas e se atualizam no momento presente. Apontam também para desdobramentos inconscientes que falam para onde que a pessoa se encaminha, mesmo sem que ela tenha a consciência disso.

Algumas vezes encontramos áreas sem figura coladas, ou seja, espaços em branco. Simbolicamente podem estar ligados a duas questões distintas:

- . a primeira e mais comum, ao que não pode ser dito, reconhecido ou elaborado. Em geral neste caso, há sobras de imagens que não são coladas e referem-se a temáticas que não foram colocadas na composição;
- . a segunda, ao espaço aberto para o novo, para o que estar por vir, mas que a Consciência ainda não tem conhecimento.

Num primeiro tempo, o terapeuta fica com essas duas hipóteses que vão sendo confirmadas ou descartadas ao longo do processo que se inicia.

### **Guias de interpretação do espaço**

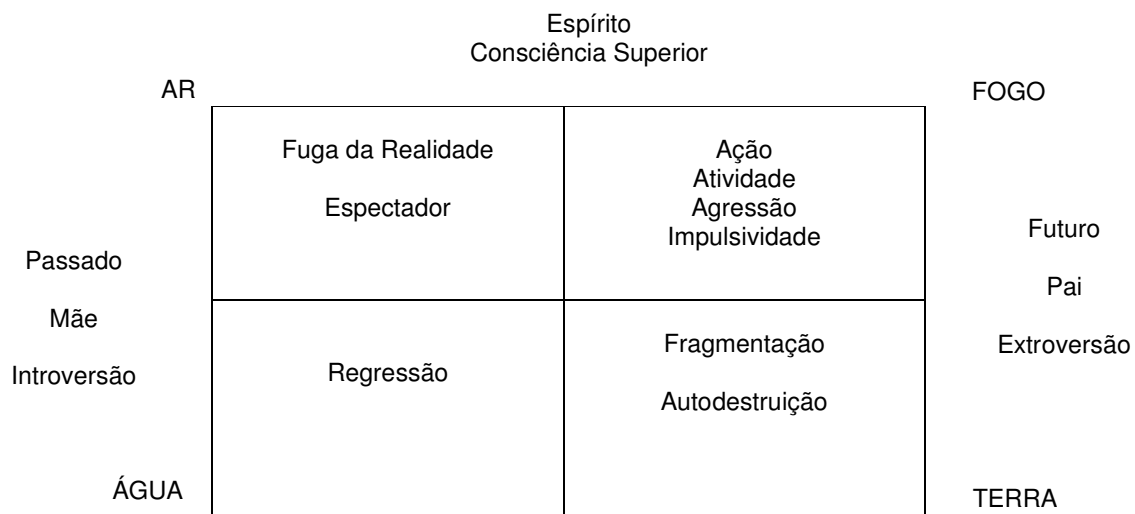
O ato de desenhar, pintar ou preencher uma superfície com figuras congregam o presente com um passado e um futuro. As imagens surgem da observação e vivência sensorial, da memória, da imaginação. Pode-se relacionar a observação e a vivência com o presente, a memória com o passado e a imaginação com o futuro.

Na imagem gráfica, pictórica ou na colagem de imagens, estes elementos aparecem sintetizados como uma única coisa.

Com o objetivo de análise, o espaço onde um objeto pode ser colocado pode ser dividido por linhas transversais imaginárias, em uma parte superior e outra inferior; por linhas verticais, dividindo um lado esquerdo e outro direito. E ainda por outras diagonais, traçadas de ponta a ponta da superfície.

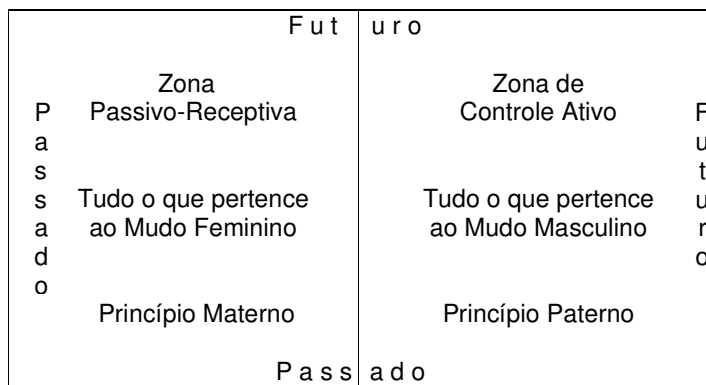
Vários são os estudos realizados sobre a representação simbólica do espaço. O olhar destas interpretações parte da posição do sujeito frente à superfície.

Seguem algumas guias de interpretação espacial.

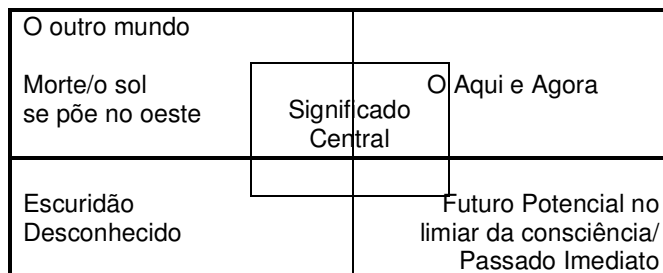


Matéria  
Inconsciente/Indivíduo  
Domínio da Natureza e do Demoníaco

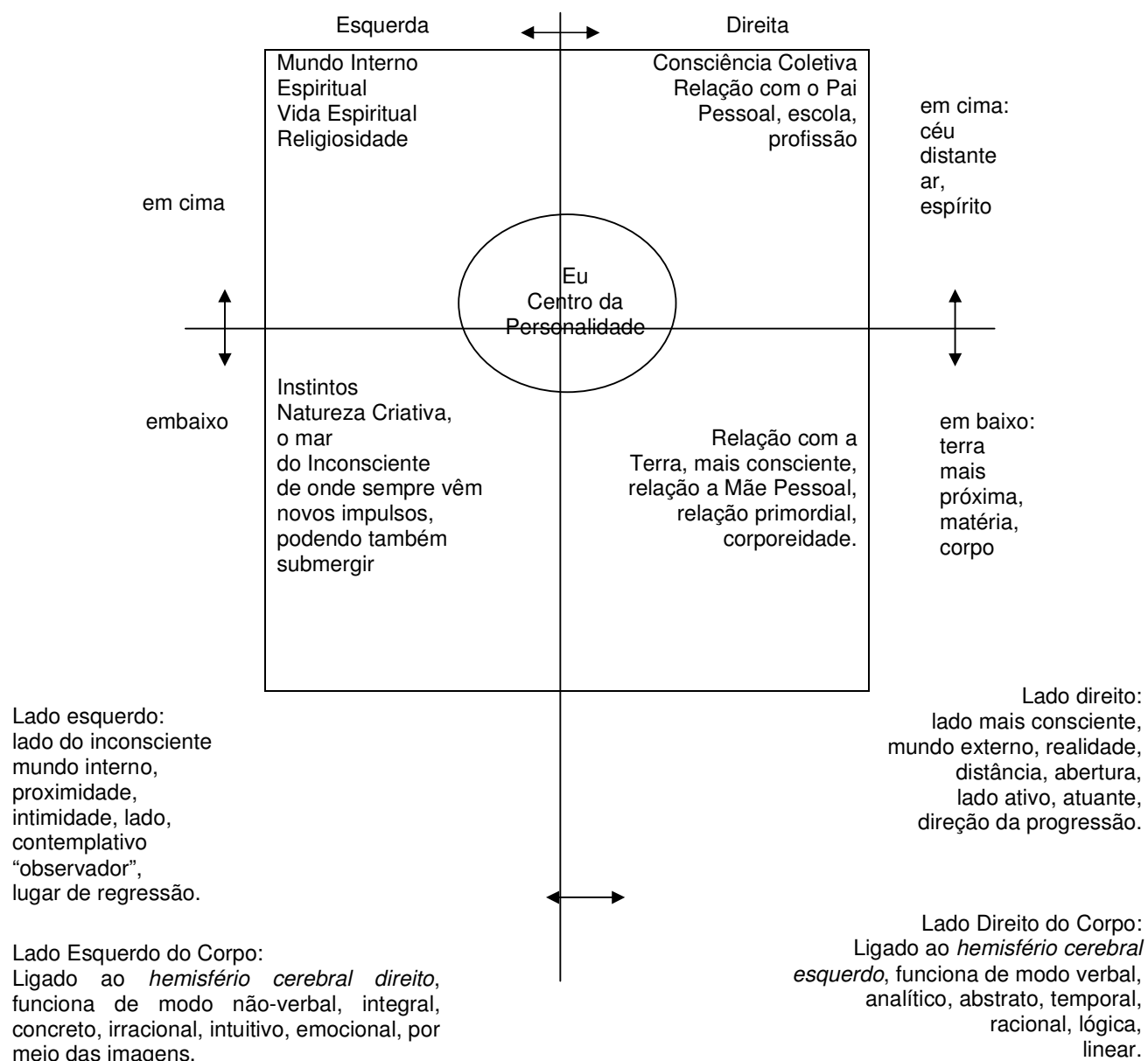
**Gráfico 1** - Modelo Adaptado da Filosofia Rosa Cruz (BELLO, 1996, p.220)



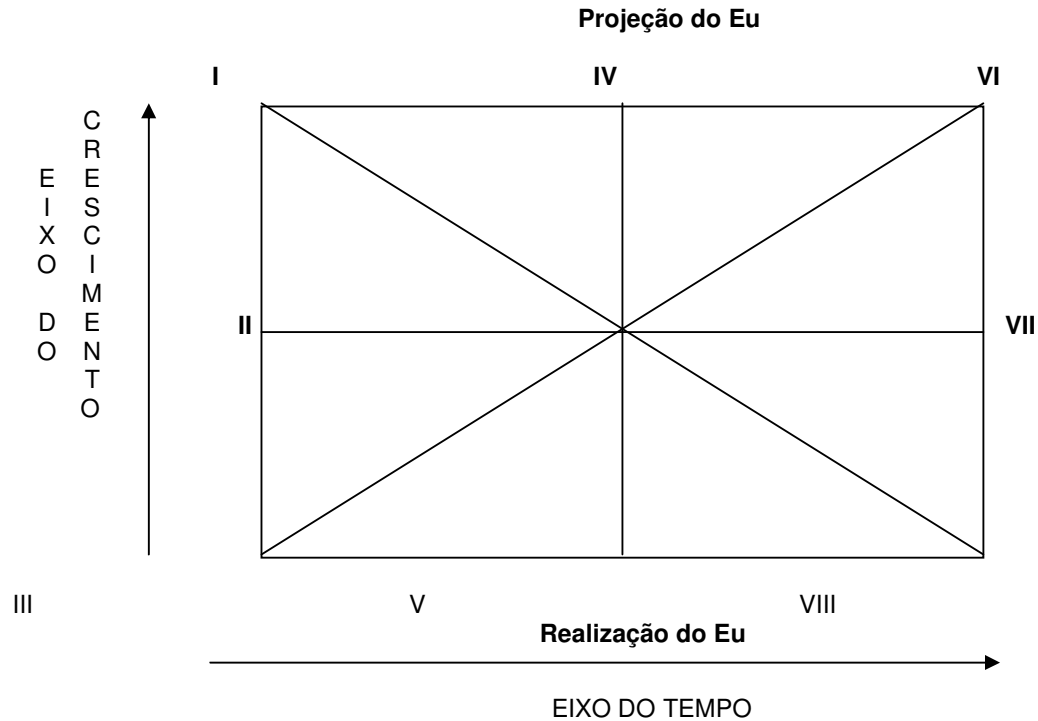
**Gráfico 2** - Modelo Karen Bolander (apud BELLO, 1996, p.221)



**Gráfico 3** - Modelo Susan Bach (apud BELLO 1996, p.221)



**Gráfico 4** - Esquema Interpretativo do Simbolismo Espacial (AMMANN, 2002, p.87)



<p><b>I</b> - Imaginação, Arquétipo do Pai, Pai Impessoal, Luz, Vazio, Ar, Saudade;  <b>II</b> - Realidade Interior, Passado, Introversão, Feminino, Emoção, Eu;  <b>III</b> - Inconsciente, Origem, Arquétipo da Mãe, Conflitos, Regressão, o Criativo;  <b>IV</b> - Mundo do Espírito, Intelecto, Razão, Desenvolvimento Espiritual, Fogo, Pai, Céu;  <b>V</b> - Mundo Corporal, das Sensações, Matéria, Mãe, Terra, Natureza, Instinto;  <b>VI</b> - Consciência, Fogo, Claridade, o Final Configurado, Morte, Objetivo, Projeções;  <b>VII</b> - Realidade Exterior, Futuro, Extroversão, Pai, Masculino, Ação, Exterior, Tu;  <b>VIII</b> - Vida Instintiva, Mãe Pessoal, Terra, Decadência, Demônios.</p>
---

**Gráfico 5** - Esquema Espacial Interpretativo de Grünwald (ZIMMERMAN, 1992, p.87-88)

As diferentes leituras se complementam, ampliando o campo de visão. Integrando-as, percebe-se que estas apontam para um foco central, como o lugar da representação do Eu – centro da personalidade, o foco da Consciência, o momento presente.

Há um consenso geral em afirmar que o lado direito da folha se liga ao racional e ao princípio masculino, yang, ao passo que o lado esquerdo, vincula-se ao emocional e ao princípio feminino, yin.

À esquerda está a área do Passado, da introversão.

À direita, tem-se o espaço do Futuro, da extroversão.

A parte de cima da folha está mais vinculada ao espírito, ao futuro; a parte de baixo, à matéria, ao passado, ao concreto.

Quanto aos quadrantes:

- . No lado esquerdo superior está o elemento Ar, o espiritual;
- . No lado esquerdo inferior, está a Água, os instintos, a natureza. É a área da Regressão;
- . No lado direito superior, o Fogo, a ação, a impulsividade, a atividade, o futuro. É a área do Prognóstico, que aponta para onde a energia iria se fluísse livremente;
- . No lado direito inferior, está a Terra, a corporalidade, o passado imediato.

Para o lado direito e para cima, a energia ascende, progride, vai na direção da Consciência, do externo, da realidade.

Para o lado esquerdo e para baixo, a energia regride para o mundo interior, para o Inconsciente.

### **A energia psíquica e suas manifestações**



A Energia Psíquica pulsa em expansão e contração, estando sempre circulando na busca do equilíbrio e da expressão.

Jung entende a Energia Psíquica como *Eros* - princípio cosmogômico (JUNG, 1995), sendo esta criadora, formadora e geradora, além de ter a capacidade de pressentir. "... Concebe o psiquismo (Consciência e Inconsciente) como um sistema energético relativamente fechado, possuidor de um potencial que permanece o mesmo em quantidade através de suas múltiplas manifestações, durante toda a vida de cada indivíduo" (SILVEIRA, 1975, p.43).

Para Jung (1995), a Energia Psíquica faz o trânsito entre a Consciência e o Inconsciente; entre o mundo externo e interno. Ele vê a psique em incessante dinamismo, onde correntes de energia cruzam-se continuamente, criando tensões diferentes, pólos opostos, correntes em Progressão e em Regressão que entretêm movimentos constantes.

O *Self* é o centro motor e emanador da Energia Psíquica. Esta muda suas formas de manifestação e aparece sempre no processo vital, sendo, portanto, uma força vital, que só pode ser definida subjetivamente, visto que não podemos ver, tocá-la ou prová-la. Ela explica a relação entre os objetos e como estes se afetam no mundo psíquico.

A Energia Psíquica assume a forma de energia física e de energia espiritual, uma vez que emana da área psicóide – camada mais profunda do Inconsciente Coletivo – "um nível de realidade no qual o psicológico e o fisiológico, e até mesmo o inorgânico, são aspectos alternativos um do outro" (SAMUELS, 1992, p.65). Refere-se a um nível onde o Inconsciente "(...) é neutro em caráter, não sendo nem totalmente psicológico nem totalmente fisiológico" (SAMUELS, 1988, p.65).

Neste espaço, anterior a qualquer forma perceptível ou manifestada, instinto e Arquétipo encontram-se fundidos e nunca em uma forma pura.

Tanto a Consciência como o Inconsciente têm a capacidade de direcionar a Energia: o primeiro a partir de necessidades trazidas do exterior (adaptação social, interesses diversos etc); o segundo por necessidades internas (fome, sede, desejos etc). Seu direcionamento constitui-se num processo rumo à auto-realização.

Por estar sempre na busca do equilíbrio, o *Self* direciona o movimento energético procurando compensar as condutas unilaterais do sujeito, indo no sentido oposto a estas e com a mesma magnitude energética. Assim, a Energia é transferida de um espaço para o outro, deslocando-se na direção do equilíbrio. É, portanto, *finalista*, ou seja, movimenta-se para um determinado fim.

Apesar de reconhecer a natureza qualitativa da Energia Psíquica, Jung (1995) enfatizou mais sua natureza quantitativa, indicadora da carga energética investida<sup>2</sup>. Refere-se à energia psíquica como sendo "a intensidade do processo psíquico, seu valor psicológico" (SILVEIRA, 1975, p.43).

Todos os fenômenos psíquicos são de natureza energética. "Os Arquétipos são núcleos de energia em estado virtual e, os símbolos, transformadores de energia. Já os Complexos são nós de energia" (SILVEIRA, 1975, p.43). E é a energia psíquica, a força que anima as estruturas e lhes dá vida (STEIN, 2000).

O Inconsciente tem qualidades retrospectivas – armazena fatos comuns a toda espécie humana e outros ocorridos desde a concepção do ser – e prospectiva – ou seja, antecipa acontecimentos futuros para a consciência, sendo estes apontados de acordo com a direção que a Energia Psíquica toma a partir da forma como cada ser se conduz no mundo.

Sua comunicação se dá através de imagens simbólicas que se traduzem em palavras, gestos, textos, músicas, imagens figurativas e abstratas.

O Símbolo<sup>3</sup> é fruto da transformação do instinto em imagem, do material inconsciente em consciente.

Este atrai para si uma grande quantidade de Energia e dá formas aos processos pelos quais a Energia é canalizada e consumida.

Se o conteúdo simbólico revivificado é traduzido numa linguagem comunicável, pode ser integrado pela Psique. Tal integração só é possível através do reconhecimento dos materiais projetados.

Na Análise Psico-Orgânica a Energia Psíquica é também definida como Bioenergia, estando presente "... em todos os organismos vivos. Essa energia vital não dá apenas a vida e a vitalidade aos indivíduos e a todas as criaturas da Terra, mas provê também, o prazer e o bem estar geral de viver" (SOUTHWELL, 1983, p.48).

"Trata-se de uma força que nos move, presente em tudo o que se passa psicológico, mental e emocionalmente" (VAUDAIME, 1996, p.186)

Em sua essência não tem nenhuma forma específica. É "*Eros*", ou seja, "*o caos indomável e sem forma*" (Vocabulário de Base – Conceitos do P.I.T. Elementar trabalho sobre o Impulso Primário).

A Energia é psíquica e orgânica simultaneamente, podendo ser observada sob as formas:

1. Emocional – manifestação emocional;

2 Entende-se por carga energética a intensidade do valor psicológico (afeto). Este gera uma "força de ação", um movimento.

3 Entende-se por Símbolo uma imagem dotada de afeto, que encerra em si inúmeros significados que vão muito além da sua representação imediata. Oriundos do Inconsciente são desconhecidos pelo sujeito e carregam um significado coletivo e um sentido individual. O primeiro é objetivo, referente ao próprio Inconsciente Coletivo. O segundo é subjetivo, tendo uma representação para o sujeito, própria do Ego e da Consciência.

2. Físico-Química – metabólica

3. Vegetativa – referente

4. Expansão Energética – referente a uma sensação que parece se localizar para além da pele.

A Análise Psico-Orgânica parte do princípio que “um mesmo movimento energético pode ser visto sob o ângulo psicológico ou orgânico” (BESSION & BRAULT, 1996, p.1) simultaneamente buscando “as ligações entre a linguagem verbal (significar a vivência emocional), a produção de imagens (acessar o universo simbólico) e a experiência energética sensorial (...) Estabelecendo inter-relações entre a linguagem somática, emocional e mental” (SACHARNY, 2005, p.25).

A Energia que move uma pessoa no mundo se organiza dentro de sua melhor forma de atuação. Busca o caminho que seja o mais simples, fácil, conhecido e familiar, no intuito de minimizar possibilidades de fracassos e frustrações. Na medida em que a vida flui e funciona de forma satisfatória, não parece haver necessidade de mudar. O problema surge quando a forma de ser não funciona mais, não conseguindo o sujeito responder às questões emergentes. Quando o fluxo da Energia fica prejudicado, o processo da vida acaba por paralisar.

Cria-se, então, um resíduo que se faz presente não apenas no nível psicológico, como também no nível corporal, traduzindo-se física e psiquicamente.

Este resíduo forma a Energia Residual que se refere ao que não pôde ser expresso, ao que ficou reprimido em nós.

A Energia Residual está presente na Reação Secundária<sup>4</sup>. Ela fica retida no corpo, deixando uma marca. Quando liberada ganha um novo potencial.

No decorrer do desenvolvimento, inúmeras vezes o sujeito cria determinados movimentos e projetos que não chegam a se concretizar.

Trata-se de uma concepção que “(...) possui um potencial de movimento, possui também um campo energético” (BOYESSEN, 1999, p.14) que se encontra disponível no espaço simbólico, mas não no real, sendo referente a algo que o sujeito escolheu não viver.

A este potencial, Paul Boyesen, denomina Energia Conseqüencial.

A Energia Conseqüencial é originária de uma carga energética proveniente de uma ação não realizada ou incompleta que se mantém no inconsciente, visto que não pôde ganhar uma forma num determinado momento da vida devido à escolha do sujeito. Ela permanece em estado latente no organismo, mas sempre presente a nível inconsciente, podendo ser encarnada a qualquer momento.

A Energia pode apresentar qualidades diferentes. Ela circula no organismo ora em movimentos ascendentes ora descendentes, ou fica aprisionada, mas não desaparece.

*Ela (...) tem uma história em um não-tempo estando pronta a se manifestar em qualquer momento como uma verdade não reconhecida vinda do passado. Podemos não nos lembrar, mas ela lembra-se de nós como se a história não pertencesse apenas ao passado, mas torna-se um elemento constante da interação de concepções em evolução de novos momentos a chegar. Nossa história pessoal é um elemento da concepção de novas histórias que vivemos. Isso não pode ser consciente, pois nossa percepção do impacto da realidade imediata seria alterada. Isso fica então em nosso inconsciente como um mundo rico de manifestações múltiplas de verdades pouco conhecidas vindas do passado (BOYESSEN, 1999, p.61).*

Quando o sujeito conecta-se com o que gostaria de ter recebido ou vivenciado, mas não foi possível em uma situação passada, tanto a Energia Residual quanto do Potencial emergem, mas com uma nova qualidade energética. Passam a ter um poder transformador no momento presente, tornando-se, então, Energia Transformacional, trazendo a possibilidade de resgate e de mudança.

Integrando à leitura da Psicologia Analítica de Jung e a Análise Psico-Orgânica de Paul Boyesen, pode-se dizer que a Energia Residual é parte do Inconsciente Pessoal, estando presente nos conteúdos complexados, uma vez que já foram conscientes em algum momento da história do sujeito e posteriormente esquecidas.

Já a Energia Conseqüencial habita também o universo arquetípico, trazendo o que está latente, em potencial. Quando a Energia Psíquica contida num Complexo é liberada, a Energia Conseqüencial emerge, uma vez que no núcleo de todo Complexo, reside o Arquétipo. Esta amplia nossas sensações e percepções, possibilitando fenômenos sincrônicos, de forma que “... entramos cada vez mais em contato com uma espécie de sabedoria universal e com o “inconsciente coletivo profundo”, substrato comum a todos os homens. Estes passam a ser nossos guias através da vida ... cresce nossa compreensão do universo, de nós mesmos, da humanidade e do decorrer da vida e da morte” (BOYESSEN, 1999, p.11).

A Energia Conseqüencial adquire, então, uma qualidade Transformacional e a Energia Residual, complexada, pode ser, então, integrada, ampliando o campo da Consciência.

---

4 Resposta dada em decorrência de pressões repressivas – proibições, punições, negações, desencorajamentos, desqualificações, privações. É uma reação interna às couraças protetoras e inibidoras (físicas e emocionais) que surgiram em decorrência da repressão dos desejos.

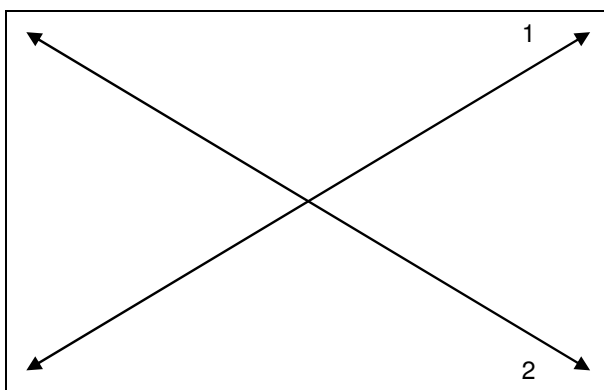
### A leitura arteterapêutica do espaço gráfico numa abordagem psico-orgânica

Na leitura do espaço gráfico, como já citado anteriormente, observamos os pontos onde a Energia Psíquica está retesada e para onde ela tende a se encaminhar no decorrer do processo psicoterápico. Ou seja, dissolvendo os núcleos complexados, para onde ela tende a fluir.

Ao conhecer os conceitos de Energia Residual e Conseqüencial, comecei a buscar entender onde estes apareciam na prática clínica. Primeiramente, ficou nítida a ponte entre estes conceitos e a Teoria Junguiana.

Posteriormente, me vi percebendo-os nos trabalhos com Sandplay (caixa de areia) e nas colagens em superfícies diversas. Buscava ver onde a energia estava bloqueada e para onde ela poderia fluir.

Fazendo a leitura de colagens nos grupos de Formação em Arteterapia, me vi usando essa terminologia naturalmente. Reparei que o lugar onde eu apontava bloqueios energéticos, colocados como sendo referentes à Energia Residual e os que traziam como possibilidades de encaminhamento energético rumo a mudanças de antigos padrões (Energia Transformacional) eram sempre os mesmos. Estes formavam duas linhas diagonais que se cruzavam.



Busquei então materiais de pacientes antigos, que não estavam mais em processo terapêutico comigo e de outros que estavam há alguns anos em terapia, bem como de grupos de adolescentes e adultos acompanhados por outros arteterapeutas por um período mínimo de dois anos, e fui comparando a leitura da primeira colagem com o desenrolar percurso terapêutico.

Solicitei, então, a vários alunos com mais de 18 meses de Formação e a alguns ex-alunos que participavam dos Grupos de Atualização que trouxessem suas colagens, realizadas no início da Formação, e relatassem o desenvolvimento de seu processo psicoterápico.

De fato, entre nove crianças com idades de 8 anos ou mais, 17 adolescentes e 52 adultos, em todas as colagens iniciais, observei a existência dos dois eixos descritos e a forma como o processo se desdobrou vinculavam-se a estes.

Todos os relatos traziam a ponte entre a imagem central onde as retas se cruzavam e os dois Eixos, diretamente relacionados ao percurso percorrido no processo psicoterápico.

Observei que o primeiro Eixo aponta para a direção do futuro, do prognóstico. Já o segundo para o passado. Na interseção entre as setas a figura central, focaliza onde a energia está mais concentrada ou bloqueada no Presente.

Chamei essa primeira seta de “*Eixo Transformacional*”, pois ela indica para onde a energia tende a progredir. E a seta 2, de “*Eixo Residual*”, uma vez que mostra onde a energia está retesada.

O *Eixo Residual* vai dos conteúdos simbolicamente presentes no imaginário atual para o Passado. O *Eixo Transformacional* caminha da área onde a Energia está mais regredida no Passado para a área do “*Futuro Potencial*”.

Aprofundando um pouco mais, percebi na evolução da trajetória dos sujeitos dos grupos citados, que o processo psicoterápico segue um caminho duplo: parte dos conteúdos trazidos nas figuras coladas próxima à margem superior e inferior à esquerda, caminhando através dos conteúdos destes dois eixos, passando pela figura central, onde se concentra a carga energética no momento presente, geralmente bloqueada. Chega, então,

às figuras que estão coladas à direita, no quadrante inferior e posteriormente, segue para a figura acima, do quadrante direito superior.

No percurso, embora aparentemente linear, está sujeito a progressões e regressões nestes dois Eixos. As imagens coladas acima e abaixo dos dois eixos vão apontando as possibilidades de desdobramentos em cada ponto.

Conforme a energia do *Eixo Residual* vai sendo liberada, paralelamente o trabalho terapêutico flui pelo *Eixo Transformacional* rumo aos conteúdos à direita, possibilitando a revivência de situações no momento presente com novas escolhas, de forma a caminhar em direção à figura à direita na parte posterior da folha (área do futuro em praticamente todos os Guias de Leitura Espacial).

Nem todos os processos terminam quando o sujeito alcança esta área. Muitos se interrompem antes e outros o ultrapassam. De certo, quando a Energia alcança os conteúdos que estão na área de prognóstico, continua fluindo, de forma que muitos outros já surgiram e, com certeza, o Inconsciente aponta outras direções energéticas fazendo com que novas questões despontem.

Pode-se, porém, afirmar que um ciclo se fechou para outro poder se abrir. Geralmente, quando o processo chega a área do prognóstico, é hora do arteterapeuta avaliar o percurso com o seu cliente e, se for o caso, propor uma nova colagem, visando poder perceber melhor para onde a energia se encaminha no momento presente da relação terapêutica.

### A leitura espacial na prática clínica: exemplo de um percurso

B. veio para terapia aos 20 anos sem uma demanda específica. De sua história disse ser a filha mais velha de um casal de filhos. Seus pais se separaram no início de sua adolescência. Seu pai se casara novamente e tinha uma filha como a atual companheira. Disse que seu relacionamento com os pais era ótimo e trouxe a imagem de uma família perfeita: todos se relacionavam muito bem, eram amáveis e muito compreensivos. B. se dizia uma pessoa bastante sociável, com muitos amigos e, no momento, namorava um rapaz bem mais velho do que ela. Nunca havia exercido nenhum tipo de atividade profissional. Ela, sua mãe e irmão, com os quais morava, viviam da pensão dada pelo pai.

Buscando perceber que outras questões poderiam estar por trás desta “*demand inicial*”, sugeri que fizesse uma colagem, escolhendo figuras com as quais se identificasse e pudesse falar de si. Ela escolheu algumas imagens durante este atendimento inicial. Terminado o tempo, sugeri que durante a semana seguinte, ela recolhesse de revistas, imagens que gostasse ou chamasse sua atenção de alguma forma.

B. trouxe outras imagens que juntou as previamente recortadas. Com elas fez a composição abaixo:



**Fig. 1** – “Primeira colagem”

Disse ter colado muitas figuras de água porque gostava bastante de nadar e de estar em contato com a água. Dessas, a imagem da moça sobre a água foi a que mais chamou sua atenção.

A água trás a possibilidade de mergulho, vincula-se ao mergulho no inconsciente e ao universo afetivo. Liga-se também a Função Psíquica Sentimento. B., como se confirmou no decorrer do tempo, tinha o Sentimento como

Função Psíquica Superior. Mostrava-se extremamente sensível, magoava-se com muita facilidade e julgava a realidade com base em seus valores e emoções.

A moça sobre as águas, localiza-se no centro da folha – área do presente – mas também abaixo, área do passado. Seu movimento é de quem quer entrar em contato com a água, mas ainda não pode fazê-lo. O olhar da moça não é para a água, como se precisasse da autorização, do consentimento de um outro, para que ela pudesse, de fato, poder entrar na água, mergulhar.

Colou duas crianças. Com relação a que está na parte debaixo da folha, disse que gosta de crianças e que pretende trabalhar com elas.

Já em relação a que está acima da folha, falou que achou a criança bonitinha, mas que a reportagem que falava sobre esta foto, contava a história de uma mãe que matou a filha e se suicidou em seguida. A reportagem a deixou “angustiada”. Teve dificuldade de relacionar esta imagem a questões específicas. Lembrou-se da irmã do segundo casamento do pai, que teve uma doença grave com sério risco de vidas, mas, no momento, encontrava-se bem, embora com seqüelas da doença. B. disse que sua irmã era uma criança alegre e feliz apesar de tudo.

Apontando para a fera na parte superior da folha, disse que às vezes sentia ter uma fera dentro dela e que “explodia”. Isso às vezes a incomodava porque machucava as pessoas que estavam perto. Referia-se aqui ao namorado, à mãe e ao irmão.

Falou que colou o casal porque para ela a relação a dois era muito importante. Nesta época B. namorava um homem bem mais velho do que ela, com quem ela disse, num primeiro tempo, se dar muito bem.

Na figura central viu uma mãe brincando com as filhas. Falou que sua relação com a mãe era assim. Sua mãe era “mais amiga do que mãe”. A mãe participava de sua vida, davam muitas festas em sua casa, tinha excelente relação com seus amigos. Sua mãe não exercia nenhuma atividade profissional, vivendo a família da pensão que o pai dava.

A foto seguinte – duas pessoas em movimento – lembrou-lhe a dança. Disse adorar dançar.

A imagem no canto esquerdo da folha abaixo, lembrou-lhe a lua e o universo. Disse que tinha vontade de encontrar um sentido maior para a existência. Não seguia nenhuma religião e a morte a apavorava.

Falou da imagem da roseira, dizendo ter-lhe chamado à atenção por gostar muito de flores. A roseira cresce em direção aos céus. Sendo a área do prognóstico, a figura aponta a idéia da necessidade de enraizamento para a transcendência. Da terra para o ar. Ou na leitura tipológica de Jung (1991), da Sensação para o Pensamento (contraponto do excesso da função Sentimento, tão presente nas imagens de água). Como esta era parte de uma figura maior que mostrava um túmulo, aponta para uma morte simbólica, com possibilidade de um renascimento.

Com relação à figura acima da figura central - dos bonecos desenhados - disse não saber porque ter colado aquela figura. Lembrou-lhe a personagem *Olívia Palito*, do desenho animado *Popeye*, que trata de um marinheiro que fica forte ao comer espinafre. A personagem é namorada do Popeye e, geralmente, as histórias têm como enredo a relação de rivalidade entre Popeye e um outro personagem, Brutos, que é muito maior e mais forte que Popeye.

Em geral, Olívia o seduz ou é seduzida por ele e, depois, fica atemorizada, de forma que Popeye vai sempre salvá-la das garras do vilão, conseguindo após comer o espinafre.

Chamou-me à atenção as três imagens em preto e branco, coladas ao centro. Observando-as sob a ótica de B., suas temáticas são: a relação a dois, a relação com a figura materna e a relação com o corpo. Estes três núcleos estão destacados pela cor e pela disposição na colagem, ocupando um lugar central, mas adentrando as áreas do passado e futuro da folha.

B. fala de dança, de movimento. Na imagem, porém, os movimentos não fluem. Observando-a, passam uma sensação de aprisionamento.

A relação a dois parece bastante sexualizada, tanto nesta imagem, como na imagem acima da figura materna brincando com as meninas, onde a sedução se faz presente.

Em relação à figura materna, a questão que surgiu foi o lugar da hierarquia familiar. B. se referia a mãe como uma amiga-irmã. Na imagem ela vê uma relação de iguais.

As três figuras se alinham no *Eixo Residual*, tendo nas polaridades, a fera e a criança com um cachorro.

B. disse que tinha uma fera dentro de si que podia machucar o outro. A fera trás o lugar da raiva. Esta imagem está colada junto ao mar, a água em movimento, de forma que se pode supor que não há um controle racional sobre o impulso da raiva.

Segue-se a ele a tríade já citada: a figura que caracteriza a relação a dois, seguida da mãe com as filhas e da dança.

Para acessar a criança feliz que controla o animal (cachorro), ela necessitava contatar a raiva e expressá-la: sua fera tem a boca aberta, mostrando os dentes. Essa raiva que aparece hoje na relação a dois, parece ligar-se de alguma forma à figura materna e ao corpo.

No *Eixo Transformacional*, a imagem da lua-terra, colada no canto esquerdo abaixo da folha, fala da necessidade de dar sentido, significar. Adentra a esta imagem, a figura do casal, seguida pela figura que tem a mãe com as crianças.

A ligação entre as imagens estava evidente: a mão do homem parece segurar a figura da mãe com as filhas. A partir desta observação, algumas questões se colocaram: o que B. necessitava ressignificar na relação a dois

que se vinculava à figura materna, à mãe-amiga, como ela colocou? Se a mãe está no lugar de amiga, como o lugar da mãe era ocupado?

Novamente a figura da água sobressai. Se a relação é temperada pelo mar, esta varia de acordo com a maré. Ou seja, de acordo com os afetos.

O mar refere-se a Grande Água na cultura xamânica. É uma das formas em que a imagem arquetípica da Grande Mãe se mostra. No reino da Grande Mãe, as leis são estabelecidas de acordo com as necessidades emergentes. Mais ligadas ao princípio do prazer do que ao princípio de realidade, são flexíveis, sofrendo grandes variações, de acordo com os humores da mãe. Quando a Grande Mãe reina sozinha, tudo muda a qualquer instante de acordo com os desejos maternos, o que nem sempre trás a segurança necessária, uma vez que a responsabilidade e a constância está na ordem da Dinâmica Patriarcal.

Na seqüência, ainda no Eixo Transformacional, do mar sai o sol – representante do Ego. Se B. está mergulhada no Reino da Grande Mãe tão fortemente, necessita dele emergir para se diferenciar.

Há um espaço entre a figura que aponta a diferenciação (sol saindo da água) e a que referencia a transformação (roseira), como se houvesse um estágio entre uma coisa e outra. Jung (1990) em seus estudos alquímicos comparados à psicoterapia, mostra o processo de individuação parte de um primeiro estágio de indiferenciação<sup>5</sup>, passando pela separação e clareamento dos conteúdos<sup>6</sup>, para posteriormente chegarem a uma transformação de fato<sup>7</sup>. Entre o estágio de clareamento e o de transformação propriamente dita, existe um espaço de aprendizagem e assimilação dos conteúdos clareados<sup>8</sup>.

Na disposição de sua colagem, B. representa este espaço entre a figura representante da diferenciação/separação (emersão do Ego-Sol das águas-inconsciente) e a figura representante da transformação (roseira).

B. trás a necessidade de apoiar-se na Grande Mãe, mudando sua relação com esta. Agora a imagem arquetípica da mãe aparece representada na terra, onde ela pode se enraizar, para seguir de encontro ao Pai-Céu, passando, então, por um renascimento.

Não é à toa que na figura que escolheu, sua roseira está plantada num cemitério.

Outro ponto que chamou-me a atenção é a ausência de referências à figura paterna e ao seu irmão na colagem. Até então, B. falava da família com muito carinho, dando grande ênfase a cada membro.

### O desenrolar do processo terapêutico

O processo terapêutico de B. durou em torno de seis anos. Após esse primeiro momento, focalizamos situações que lhe deixavam com raiva, uma vez que isso parecia ser a única coisa que a incomodava.

B. apresentava uma intensa rebeldia a tudo que fosse imposto pelo meio social, tendo grande dificuldade de lidar com regras e horários.

Via a faculdade mais como um ponto de encontro social, do que como um espaço de formação profissional. Gastava excessivamente o dinheiro que o pai lhe dava, fazendo dívidas e, muitas vezes, sem condições de pagar coisas prioritárias: alimentação, remédios, a faculdade etc.

Colocava-se em situações de risco com freqüência: tinha outros parceiros além do namorado, sem preocupar-se com nenhum tipo de prevenção contra gravidez ou doenças infecto-contagiosas; saía com pessoas alcoolizadas dirigindo; bebia excessivamente com colegas e no dia seguinte não lembrava o que tinha feito.

Na relação com seus familiares dizia ser considerada a “*ovelha negra*” da família, enquanto que seu irmão era o filho, neto e sobrinho querido. Sentia como se houvesse uma predileção pelo irmão e, depois, por parte da família por parte do pai, por sua irmãzinha.

Com esta última, a relação não era de competição dada a grande diferença de idade e a distância. B., porém, ressentia-se da relação do pai com a atual família, sentindo-se excluída deste contexto.

O vínculo entre ela e o pai se dava por meio do dinheiro para o sustento dela, de sua mãe e irmão.

Aprofundando sua história pessoal, relatou que a diferença entre ela e o irmão era de dois anos e que como este nascera prematuro, sempre foi considerado frágil. A relação dos dois era marcada por uma forte rivalidade e muito ciúme por parte de B.

Acabou percebendo que a forma como se colocava nas situações gerava uma reação negativa por parte do outro, que se afastava.

Num segundo tempo, B. começou a falar da relação com o namorado atual que era também marcada por muitas crises de ciúme, desrespeito de ambas as partes e, por vezes, cenas de violência. B. não queria mais se relacionar desta forma, mas não conseguia sair deste lugar.

5 Denominado Nigredo, que num sentido psicológico, corresponde “à escuridão do inconsciente, que encerra em primeira linha a personalidade inferior ou a Sombra” (JUNG, 1990, p.312).

6 Albedo (JUNG, 1990)

7 Rubedo (JUNG, 1990)

8 Denominado Citredo (JUNG, 1990)

Aos poucos foi percebendo que essa dinâmica vinculava-se a sua história, percebendo a desproteção das figuras parentais, a irresponsabilidade e os limites dados de forma aleatória, sem levar em conta suas necessidades.

Acabou por terminar esta relação, buscando relacionar-se com parceiros mais saudáveis.

Sua relação com a mãe neste momento tornou-se bastante complicada.

B. entrou em contato com vários episódios nos quais sofreu algum tipo de violência devido à ausência de seus pais, que delegavam aos professores e empregados o cuidado com os filhos quando muito pequenos e, posteriormente, mais ainda muito cedo, acreditavam que eles podiam se cuidar sozinhos.

Lembrou-se, então, de um episódio que ocorreu aos 9 anos de idade, quando foi abusada sexualmente por uma pessoa de confiança da família. Ao tentar contar para a mãe o ocorrido, esta insinuou ser responsabilidade sua o ocorrido, não deixando espaço para esclarecimentos maiores sobre o que aconteceu.

Estava aí a relação entre as três figuras centrais do Eixo Residual: a relação a dois, a relação com a figura materna e a relação com o corpo, vinculadas à raiva no momento atual e à criança no passado.

Por um tempo, B. buscou em mim as referências de leis e regras, quase que pedindo consentimento para suas ações e fórmulas mágicas que organizasse sua vida cotidiana.

Na medida em que contactava a falha dos pais reais e expressava sua dor, e buscava resignificar as relações estabelecidas, resgatando-as.

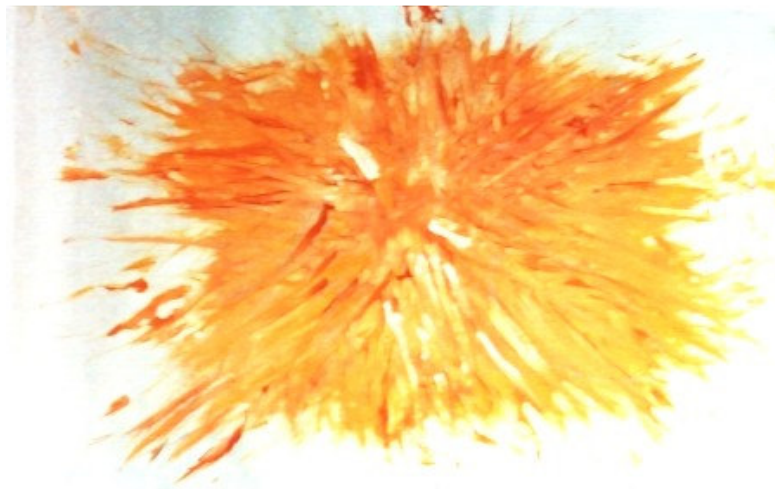
De neta, sobrinha e filha ausente, passou a ser ponte de ligação entre os membros de sua família. Preocupava-se de ter um espaço na casa dos avós e tios, indo semanalmente ao encontro deles. Permitiu-se ser acolhida e acolhê-los com todas as suas falhas e dificuldades.

Quase três anos de terapia haviam se passado nesta época. B. começou, então, a questionar a continuidade do processo. Contactar o abandono dos pais reais estava sendo muito penoso para ela. Embora já estivesse bastante tempo trabalhando o abuso sexual ainda haviam nuances não tocadas nesta história.

Olhando sua colagem, vinculada à figura central – a mãe com as meninas – estava à moça sobre as águas (figura que chamou-lhe muito a sua atenção na escolha para fazer a colagem). B. precisava decidir se queria ou não mergulhar, para poder acolher a menina desprotegida (figura acima) que esteve em situação de risco por sua inocência (caricatura da mulher seduzindo o homem, ao lado).

Observando sua postura de enfrentamento enquanto falava e em resposta a esta questão, propus um trabalho corporal onde ela explorou as posições de abertura e fechamento. Escolheu a posição fechada como a que mais lhe incomodava.

Na exploração plástica e amplificação deste movimento com tinta guache em papel 40 kg, surgiu as seguintes imagens e história:



**Fig. 2 – “A explosão”**

*Na explosão da energia criou-se um universo de possibilidades, um mundo multifacetado se abriu. Dele surgiu o Sol, a terra, enfim, todos os elementos.*

*Nascia dessa mistura à mulher, que com sua música maravilhosa e essa dança mágica encantava sementes.*



**Fig. 4 – “O dragão”**

*Assim, a desordem clamou por uma nova ordem, e eis ela: o dragão cospe o fogo; do fogo surge à música; e a música devolve ao universo a mulher mágica; que por sua vez volta a terra.*



**Fig. 6 – “A consciência”**



**Fig. 3 – “A mulher de fogo”**

*O dragão resolveu também fazer parte dessa integração, acabando por desestruturar a ordem do universo.*



**Fig. 5 – “O círculo contínuo”**

*E dessa nova ordem nasce à consciência da mulher mágica, tomando para si o controle de seu novo lugar; pensando a terra, sentindo o fogo, cantando a música e se criando e re-criando nas expressões do universo.*

Olhando suas imagens e lendo com ela a história criada, associamos a origem, a um Mito de Criação do Mundo.

Amplificando a história por ela criada, vimos o Mito de Criação Pelásigo<sup>9</sup>, onde a Deusa Eurínome surge do Caos e

<sup>9</sup> Pelasgos = povos vindos do mar. Povos considerados autótones pelos gregos, que cultuavam a Grande Mãe no período Neolítico, sendo anteriores a civilização Creto Micênica (RIBEIRO, 1999).



“... sem que nada a sustentasse. Separou então o mar do céu e dançou sobre as ondas, deslocando atrás de si, o enorme Vento Norte. Friccionando suas mãos, criou Ofião, prodigiosa serpente que ao ver a graciosa e divina dançarina, é tomado pelo desejo. Enroscado-se em suas pernas, sob a forma de Vento Norte, Ofião faz amor com Eurínome, que tomando a forma de uma pomba e flutuando sobre as ondas, põe um ovo: O Ovo Primordial – O Universo. A deusa então pede a Ofião que choque este ovo. Quando este se parte, de dentro dele nascem todas as coisas que existem: planetas, sol, lua, montanhas, rios da terra e todas as coisas que crescem e vivem” (RIBEIRO, 1999, p.44).

Mas havia o dragão que a tudo desestruturava, não respeitando a ordem natural do universo que nascia. A imagem do dragão, já havia aparecido em outras ocasiões vinculadas à vivência do abuso sexual.

Dando seqüência a este trabalho sugeri que B. observasse bem a sua última imagem, procurando defini-la melhor com um material linear.

Surgiu, então, a seguinte imagem:



**Fig. 7** – “Mostrinho”

A imagem me remeteu a sua primeira colagem. Coloquei-a na frente de B. e ela surpreendeu-se a ver na imagem desenhada a figura do boneco seduzido por Olívia Palito, trazido no segundo atendimento em sua colagem.

Com este trabalho, B. trabalhou a culpa que sentia por acreditar que ela havia seduzido, aos 9 anos de idade um homem adulto, com quem estabelecera um vínculo de confiança.

Decidiu dar seqüência ao processo psicoterápico, percebendo a necessidade deste e sua dificuldade em cuidar de si mesma.

De fato, B. passava agora por um renascimento, tornando-se mais autônoma e assumindo mais a si própria.

No novo ciclo que se abria, começou a diferenciar-se de sua mãe, assumindo seus sentimentos com relação a seu pai e madrasta, de quem não se permitia gostar porque a mãe não a aceitava. Conseqüentemente aproximou-se mais de sua irmã.

Passou a exigir de seu pai mais atenção e presença, colocando que não queria só dinheiro.

Questionou o espaço da relação tanto físico – queria que ela e o irmão tivessem um quarto em sua casa, construída para adaptar-se às necessidades físicas de sua irmã – como afetivo, buscando sair com ele para conversar e passear. Este percebendo as necessidades da filha, pôde acolhe-la mais. Posteriormente, incluiu o irmão na relação, aproximando-o do pai e de sua nova família.

Nesta aproximação desmistificou bastante a figura paterna, que parecia ser perfeita para a nova família, mas ausente e muitas vezes insensível para com ela e o irmão. Percebeu que as dificuldades de relacionamento que tinha com o pai, eram muito semelhantes à de sua madrasta e da irmã.

B. foi aprendendo a falar de seus sentimentos e a demonstrar quando se sentia magoada ou não gostava de algo tanto no meio familiar como social.

Conseguiu perceber-se profissionalmente preocupando-se em levar a sério o curso e outras formações que fazia. Buscou estágios e cursos complementares, ampliando o leque de alternativas profissionais. Percebeu que sua intenção inicial de trabalho com crianças era uma busca de regaste de sua criança interna e não uma escolha profissional, buscando outros projetos.

Caminhava cada vez mais para um processo de diferenciação. Ela precisou confrontar a figura materna e dar-lhe limites, assumindo a administração do dinheiro que o pai enviava mensalmente e solicitando a participação



**Fig. 8**

de seu irmão neste processo (uma vez que a mãe gastava todo o dinheiro em coisas supérfluas, deixando a família sem dinheiro para o pagamento de contas e para compra de alimentos).

Este processo foi bastante complicado, pois os ganhos secundários eram altos e, muitas vezes, mais prazeroso direcionar o dinheiro para uma viagem, festa ou roupas, do que para o próprio sustento.

Neste meio tempo, conheceu um rapaz de fora do Brasil com quem se envolveu. Terminada a faculdade, mesmo tendo vários planos a seguir, optou por ir morar fora para ficar mais perto do namorado.

A princípio essa decisão foi tomada de forma completamente irresponsável. B. contava com um dinheiro hipotético do pai, avós e tios para viajar, acreditando que conseguiria facilmente um emprego que lhe desse condições de sustento e também um curso que lhe possibilitasse a continuidade de seus estudos. Sua família apoiava sua decisão, vendo na possibilidade de que ela estudasse fora a realização de algo que eles não puderam fazer, mas não diziam quanto, nem como poderiam dispor financeiramente para ela.

O final do seu processo terapêutico girou em função dessa escolha e de suas conseqüências. B. precisou organizar-se para poder ir, escolhendo um curso que se relacionasse a sua área de estudo, garantindo que teria o mínimo necessário para se sustentar e estudar até terminar esse curso, podendo, caso não quisesse mais, voltar a qualquer momento.

Seu processo terminou com a sua viagem.

A imagem final de sua colagem, a roseira, retrata a necessidade de fincar-se a terra para poder transcender aos céus e expandir-se, passando por um novo nascimento.

A rosa, a flor, cresce em direção ao céu.

Realmente foi necessário internalizar a capacidade de cuidar de si e prover a si mesma, para, então, renascer e poder crescer.

## Referências

AMMANN, R. *A terapia do jogo de areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

BELLO, S. *Pintando sua alma: método de desenvolvimento da personalidade criativa*. Brasília, 1996.

BESSION, J.; BRAULT, Y. O círculo psico-orgânico. *Manuel d' Enseignement*. Tome 2, 1996.

BOYESEN, P. *L' Inconscient est Situationnel*. 2ª Partie: De la Verbalisation au corps du Mot. Manuel d' Enseignement de L' É Française d' Analyse Psycho-Organique. Tome 5, 1999.

JUNG, C. G. *Misterium conunctionis*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. Coleção: Obras completas, vol. XIV/2.

\_\_\_\_\_. *Símbolos da transformação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Coleção: Obras completas.

\_\_\_\_\_. *Tipos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. Coleção: Obras Completas.

RIBEIRO, M. L. C. *Alethéia: mitologia grega comparada aos mitos Nagôs/Yorubás e indígenas brasileiros*, Mimeo, 1999.

SACHARNY, S. *A análise psico-orgânica*. In: RIBEIRO, A.; SOUZA, F.; MAGALHÃES, R. (Orgs). *Catálogo de Abordagens Terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SAMUELS. *A psique plural: personalidade, moralidade e o pai*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. *Dicionário crítico de psicologia analítica*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

SOUTHWELL, C. Massagem biodinâmica como ferramenta terapêutica: com especial referência ao conceito biodinâmico de equilíbrio. In: SCHLESINGER, G. et al. *Cadernos de Psicologia Biodinâmica*. vol. 3. São Paulo: Summus, 1983.

SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

STEIN, M. *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo: Cultrix, 2000.

VAUDAIME, E. *De L' Esprit À La Lettre ... À propôs d' une classification des massages*. Manuel d' Enseignement de L' É Française d' Analyse Psycho-Organique. Tome 2, 1996.

ZIMMERMANN, E. B. *Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade*. 1992. (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

## ARTIGOS ORIGINAIS

---

### 2 – FORTALECER EMOCIONALMENTE APENADOS PARA A INCLUSÃO SOCIAL

*Ivânia Maria Nunes de Lima Sberse*<sup>10</sup>  
*Sonia Margareth Brancher Tonatto*<sup>11</sup>

**Resumo:** Este artigo é a cartografia da transformação ocorrida na vida de apenados promovida pela Arteterapia. Projeto fundamentado nas idéias de teóricos de diversas áreas do conhecimento, priorizando material de sucata, apresenta os resultados de atividades cujos objetivos foram a ressignificação de emoções e sentimentos de uma situação de conflito interno através da simbolização artística. Apresenta a dinâmica, os recursos, a metodologia com que os presidiários puderam projetar, consciente e inconscientemente, seu mundo interior. A produção de imagens, representação da vida por meio das artes visuais, do teatro e da música foram veículos de comunicação não-verbal para o alívio e a transmutação do sofrimento, pois são produções resultantes de um indivíduo que se apropria da sua obra como sujeito da criação. O mundo das imagens, os elementos, a terra-pátria, as mandalas são revisitados como possibilidades de leitura para a compreensão desse universo e do enfrentamento que a Arteterapia propõe à dor. Apresenta depoimentos dos sujeitos da criação artística e da professora da Unidade Prisional e as constatações que foram registradas ao longo dos vinte e quatro encontros de sessões a respeito das referências fundamentadoras da proposta.

**Palavras-chave:** Apenados; Ressignificação; Simbolização; Transformação, Arteterapia.

#### Fortify prisoners emotionally for social inclusion

**Abstract:** This article is the cartography of the transformation occurred in the life of prisoners promoted by the Arteteraphy. Project based on the ideas of theoreticians of several areas of the knowledge, prioritizing scrap material, presents the results of activities whose objectives had been the ressignificance of emotions and feelings of a situation of internal conflict through the artistic symbolization. It presents the dynamics, the resources, the methodology which the prisoners could project, conscientious and unconsciously, its interior world. The production of images, representation of life through visual arts, theater and music had been vehicles of not-verbal communication for the relief and transmutation of the suffering, because they are resultant productions of an individual that appropriates its work as subject of creation. The world of images, elements, native land, mandalas are revisited as possibilities of reading to a better understanding of this universe and the confrontation that the Arteteraphy proposes to pain. It presents evidences of the subjects of the artistic creation and the teacher of the Prisional Unit and the verification that had been registered throughout the twenty four meeting concerning fundamental references of the proposal.

**Key words:** Prisoners; Resignificance; Symbolization; Transformation; Art Therapy.

#### Fortificar emocionalmente prisioneros para la inclusión social

**Resumen:** Este artículo es la cartografía de la transformación ocurrida en la vida de prisioneros promovida por el Arteterapia. El proyecto basado en las ideas de los teóricos de las diversas áreas del conocimiento priorizando material de chatarra, presenta los resultados de las actividades cuyos objetivos habían sido la ressignificación de emociones y de sensaciones de una situación de conflicto interno a través de la simbolización artística. Presenta

---

<sup>10</sup> Graduada em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo; especialista em Arteterapia Educação e Saúde (UPF); arte-educadora com atuação em Escola Municipal e Escola Estadual do município de Lagoa Vermelha/RS. Av. Circular, 1410 – Aptº 101, Centro – Lagoa Vermelha/RS. Fone (54) 358 6134. CP 68. CEP 95 300-000.

<sup>11</sup> Graduada em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo; especialista em Arteterapia Educação e Saúde (UPF); arte-educadora com atuação em Escola Particular e em projetos sociais como Pastoral do Menor, Associação dos Deficientes Físicos em Lagoa Vermelha/RS. Rua Dalto Filho, 64 Centro – Lagoa Vermelha/RS. Fone: 54.358 3200. CP 186 – CEP 95 300-000 e-mail: [sbrancher@terra.com.br](mailto:sbrancher@terra.com.br)

la dinámica, los recursos, el la metodología con que los presos habían podido proyectar, consciente e inconscientemente, su mundo interior. La producción de imágenes, representación de la vida a través de artes visuales, del teatro y de la música había sido vehículos de la comunicación no-verbal para el alivio y la transmutación del sufrimiento, por que son producciones resultantes de un individuo que se apropia de su obra como sujeto la creación. El mundo de las imágenes, los elementos, la tierra nativa, las mandalas son revisitados como posibilidades de lectura para la comprensión de este universo y de la confrontación que el Arteterapia proponga el dolor. Presenta las deposiciones de los sujetos de la creación artística y del profesor de la unidad de Prisional y de las constataciones que habían sido registradas a través de las veinte y cuatro reuniones con respecto a las referencias fundamentadoras de la propuesta.

**Palabras clave:** Prisioneros; Resignificación; Simbolización; Transformación; Arteterapia.

## Introdução

A Arteterapia tem demonstrado que todo o ser humano possui uma capacidade latente para projetar seus conflitos internos por meio de simbolizações em desenho, pintura e outras atividades plásticas. As arteterapeutas propuseram-se a realizar trabalho voluntário na unidade prisional de Lagoa Vermelha/RS, no período de julho a setembro de 2004, tendo como intuito facilitar-lhes a reinserção na sociedade, por ser evidente que encorajado e dinamicamente orientado, um indivíduo encarcerado pode ressignificar suas emoções e seus sentimentos por meio de suas próprias criações artísticas, proporcionando-lhes melhor qualidade de vida como encarcerado e sua posterior reintegração à sociedade.

Produção de imagens, representação da vida por meio das artes visuais, do teatro e da música foram dinâmicas em que os presidiários puderam projetar, consciente e inconscientemente, seu mundo interior, uma vez considerada a concepção de imagens viso-espacial como importante veículo de comunicação não-verbal para o alívio das tensões de quem se encontra *desligado* do mundo exterior, debaixo de grossa camada de esquecimento e de dor, uma vez que a raiz de diversos problemas se encontra na falta de oportunidades de os encarcerados conviverem em sociedade. O nível de ansiedade causado pela ausência de atividades físicas e ocupacionais, os conflitos gerados entre os próprios presidiários, a saudade da família e a possibilidade de morte por doenças e pela violência são fatores que interferem no desequilíbrio do comportamento dos prisioneiros foram, também, considerados importantes no contexto.

O Projeto se propôs ressignificar o tempo e o espaço do apenado por meio da Arteterapia, oportunizando-lhe a reelaboração de insatisfações, mágoas, angústias e amarguras pela falta da liberdade e pela impossibilidade de exercício da cidadania, usando técnicas e materiais plásticos diversificados. Quinze encarcerados de diferentes faixas etárias, indicados pela Instituição Penitenciária, reuniram-se nas dependências do Presídio de Lagoa Vermelha durante os dez encontros, quando, então, puderam beneficiar-se do poder curativo da Arteterapia.

Sem descuidar da integração do pensamento/sentimentos com a corporeidade do sujeito valendo-se de atividades específicas de Arteterapia (música, artes plásticas e teatro terapêutico etc), as arteterapeutas quiseram oferecer, com oficinas de criação, uma dinâmica intergrupala de cumplicidade, respeito e ética entre apenados/arteterapeutas favorável a sua reinserção social. Buscou-se amenizar a ansiedade do presidiário pela proximidade de libertação e fortalecê-los emocionalmente para a retomada da vida na família e na sociedade.

A metodologia das oficinas, o uso de recursos materiais alternativos como as sucatas, plenos da simbologia de transformação, as atividades paralelas e concomitantes ao Projeto, as propostas arteterapêuticas fundamentadas nas idéias de grandes pensadores e pesquisadores (Carl Jung, Nise da Silveira, Carl Roger, Sara Pañ e Gladys Jarreau, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, Edgar Morin, Augusto Boal, Dahlke Rüdiger), as dinâmicas das oficinas (música, artes plásticas, teatro terapêutico) para integração de pensamento/sentimento com a corporeidade e os exercícios práticos foram etapas fundamentais para o resultado final, pensadas e executadas com rigor científico, mas com olhar pleno de humanidade e de justiça.

Os critérios adotados para avaliação individual e coletiva dos indivíduos foram observações diretas, produção individual e coletiva registrada em fotografias e vídeo, apreciação dos participantes sobre as suas produções artísticas e as dos colegas, depoimentos verbais e escritos. O Projeto seria considerado satisfatório se os apenados demonstrassem atitudes positivas diante da possibilidade da volta ao convívio familiar e social e diante das propostas de Arteterapia nas oficinas. A observação de sinais como melhoria na auto-estima, na participação de atividades educativas e culturais, atitudes de cooperação/respeito entre eles e para com os agentes penitenciários, funcionários, familiares e as arteterapeutas, além de comportamentos de disciplina, menor nível de ansiedade e de revolta dentro da Instituição Penitenciária, atitudes emocionais mais equilibradas e saudáveis expressas na participação em oficinas de atividades plásticas e outras de expressões não-verbais (desenhos, pinturas, colagens, jogos dramáticos e improvisações específicas do universo da Arteterapia) foram elementos para avaliação.

## Os referenciais teóricos

### **a. O mundo das imagens**

Na representação de atividades plásticas (pintura, desenho, gravura, modelagem, máscaras, marionetes etc), que têm em comum a objetivação da representação visual do domínio figurativo através da transformação da matéria, a Arteterapia toma a palavra “arte” no sentido que ela adquiriu após a segunda metade do século vinte cuja ruptura de paradigma ocorrida na contemporaneidade questiona as suas funções e que sustenta as diferentes abordagens “arteterapêuticas”.

A imagem não é uma característica exclusivamente humana; ela se apresenta reino animal como uma função estética acrescida à função específica de conservação do organismo. A lógica da imagem manifesta-se na função estética. O homem sempre acrescentou à fabricação dos objetos um excedente não-funcional ligado à forma e à decoração, marca de individualidade e de unicidade. Ele se apropria das suas obras numa tentativa de sobreviver como sujeito; busca o objeto único, o artesanato, voltando-se às práticas antigas, folclóricas, de conservação do passado, arqueológicas. Por isso, não existem mais cânones acadêmicos, os critérios de hierarquia estética entre as obras de arte tornam-se incertos e a atividade do arteterapeuta se dá sobre a amplitude de idéias e de práticas da produção artística atual.

Desde o final do século dezenove, as produções plásticas dos alienados interessam aos psiquiatras; e a expressão criadora na criança é encorajada pelos pedagogos. Os tratamentos psicanalíticos e psicoterápicos das neuroses foram substituídos pelas terapias por meio de técnicas de mediação artística - expressão plástica, musicoterapia, dançoterapia - menos onerosas e menos constrangedoras. Na Arteterapia, o trabalho está centrado na pesquisa do sujeito para encontrar e elaborar um universo de imagens de seus conflitos subjetivos (PAÏN & JARREAU, 1996), portanto é importante ao sujeito receber os meios como simbolizar um conflito. Entretanto, a Arteterapia é uma profissão com várias interfaces que exige disposições e conhecimentos específicos do profissional. A organização de um ateliê terapêutico pressupõe domínio da técnica das atividades plásticas, da psicologia da representação/expressão e da história e significação da arte.

Para Païn & Jarreau (1996, p.16), “a execução de uma obra é trabalho de pesquisa onde a subjetivação é marcada pela escolha dos recursos utilizados para representar.” Compreender processo do paciente, reconhecer seus obstáculos à criação do espaço ou da luz imaginados, reconhecer a deformidade de um quadro à maneira de um “lapso” exige domínio das regras mais gerais da “aparência” figurativa.

Num ateliê, o arteterapeuta deve propor atividades multidisciplinares, identificando as motivações de seu atrativo exclusivo ou a sua aversão por determinada atividade, uma vez que sua subjetividade não pode se imiscuir nas escolhas do paciente; e a sua atenção deve ser flexível às produções resultantes dos projetos plásticos dos sujeitos e da dinâmica criativa do paciente. É indispensável, afirmam Païn & Jarreau (1996), que o arteterapeuta conheça perfeitamente tudo o que propõe: materiais, instrumentos, suportes, técnicas de colagem; deve acompanhar o processo do paciente, ser testemunha da sua aventura, ajudá-lo a superar os obstáculos; o arteterapeuta é um olhar, uma escuta, uma ressonância afetiva; seu trabalho exige capacidade de concentração no processo de construção simbólica em que o resultado final é menos importante do que as sucessivas transformações que ocorrem. “A profissionalização do arteterapeuta depende dessa possibilidade de encontrar uma ordem simbólica para a desordem do sofrimento” (p.22).

No final da sessão, há um objeto com significação para o paciente que, ao olhar a sua obra, mergulha no processo de apropriação; e sua avaliação liga-se aos objetivos propostos. A relação de transferência é mais um instrumento de que dispõe o arteterapeuta para sentir as emoções do paciente – seus próprios sentimentos frente à obra, expostos de forma dramática, simbólica, mas muito reais. Se nos deixarmos levar, respondendo suas expectativas, ajudamo-lo a repetir o comportamento neurótico. “Se damos à antiga relação uma nova significação, damos ao sujeito a possibilidade de mudar, de inventar uma nova maneira de se fazer amar” (PAÏN & JARREAU, 1996, p.25).

O tempo de um tratamento terapêutico é variável e está ligado às necessidades de trabalhar as resistências e exprimir os conflitos mais importantes de cada sujeito, depois da fase de adaptação ao ateliê, às suas regras e às relações pessoais, diferentes de tudo o que lhe é familiar até então.

### **b. A terra-pátria**

Morin & Kern (2003, p.59) conceituam a matéria-prima do arteterapeuta, “Cada ser humano é um cosmos, cada indivíduo é uma efervescência de personalidades virtuais, cada psiquismo secreta uma proliferação de fantasmas, sonhos, idéias. Cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável. Reconhecer isso é reconhecer também a identidade humana”. Reafirmam a convicção de que os homens, apesar da diversidade das línguas, dos mitos, das culturas etnocêntricas, conservam a identidade bioantropológica comum, apesar da dispersão ocorrida ao longo dos tempos. Reencontrar e realizar a unidade do homem é possível, através do pleno reconhecimento e do pleno desabrochar das diversidades culturais. “A identidade do homem, ou seja, sua unidade/diversidade complexa foi ocultada e traída, no cerne mesmo da era planetária, pelo desenvolvimento especializado/compartimentado das ciências. (MORIN & KERN, 2003, p.61).

A antropologia, ciência multidimensional que articula o biológico, o sociológico, o econômico, o histórico, o psicológico, não poderá edificar-se a não ser reunindo essas disciplinas, passando do pensamento redutor, mutilador, isolante, catalogante, abstratificante ao pensamento complexo. O paradigma ocidental do progresso fundamenta-se numa concepção tecnoeconômica que ignora os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura, por isso o desequilíbrio permanece e as desigualdades se agravam. As grandes potências têm o monopólio da alta tecnologia, apropriam-se do poder manipulador do capital genético das espécies, inclusive humana.

O terceiro mundo sofre a exploração econômica, mas sofre também a cegueira, o pensamento limitado, o subdesenvolvimento moral e intelectual do mundo desenvolvido porque a idéia desenvolvimentista é cega às riquezas culturais das sociedades arcaicas ou tradicionais. “É preciso rejeitar o conceito subdesenvolvido do desenvolvimento que fazia do crescimento tecnointustrial a panacéia de todo desenvolvimento antropossocial, e renunciar à idéia mitológica de um progresso irresistível que cresce ao infinito” (MORIN & KERN, 2003, p.83).

O desenvolvimento de nossa civilização produziu a domesticação da energia física, as máquinas industriais automatizadas e informatizadas, os eletrodomésticos que liberam das tarefas escravizadoras, o bem-estar, o conforto, os produtos de consumo, o automóvel, o avião, a televisão... Mas a elevação dos níveis de vida pode ligar-se à degradação da qualidade da vida, ao empobrecimento das comunicações pessoais. O indivíduo pode ser simultaneamente autônomo e atomizado, rei e objeto, soberano de suas máquinas e manipulado por aquilo que domina. A degradação das relações pessoais, a solidão, a perda das certezas, tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido, um mal das almas que se oculta em nossas cavernas interiores, que se fixa de forma psicossomática em insônias, dificuldades respiratórias, úlceras de estômago, desassossegos.

Os males objetivos que vêm das dificuldades econômicas, da rigidez burocrática, das degradações ecológicas começam a ser denunciados, mas os males de civilização que se infiltram nas almas nem sempre são percebidos: eles formam um novo mal de civilização que irá prosseguir através da crise econômica.

Eros é a resposta fundamental ao mal de civilização. O amor tomou-se deus salvador. O amor nasce e renasce por toda parte. Os encontros amorosos, eróticos atravessam as classes sociais, burlam as interdições, se exaltam na clandestinidade, na precariedade. Mas as paixões que consomem se consomem depressa; o amor se enfraquece ao se multiplicar, fragiliza-se com o tempo. Os encontros que fazem nascer um novo amor matam o antigo. Os casais se desfazem, outros se formam novamente se desfazem. O mal da instabilidade, da pressa, da superficialidade se instala no amor e reintroduz nele o mal de civilização que o amor rechaça. Todavia, existem outras formas de resistência ao mal de civilização; são forças que trazem a concórdia entre a alma e o corpo, o apaziguamento psíquico, o desapego do espírito. Há uma busca do verdadeiro, do bem, do belo, da restauração da comunhão e do sagrado.

É difícil reconhecer a verdadeira natureza do mal de civilização. É preciso ver os subsolos minados, as cavernas, os abismos subterrâneos, a luta surda e inconsciente contra o mal. É preciso ver as satisfações, alegrias, prazeres, felicidades, mas também as insatisfações, sofrimentos, frustrações, angústias e infelicidades do mundo desenvolvido, que são diferentes, mas não menos reais que as do mundo subdesenvolvido.

### c. Mandala

A palavra “mandala” vem do sânscrito e significa “círculo”; ela está na raiz de todas as culturas, e presentes em todo ser humano. Jung ocupou-se com as mandalas e descobriu que elas surgem como imagens interiores espontâneas, particularmente em situações de profunda crise interior. O interesse pelas mandalas observado atualmente, e seu uso cada vez mais freqüente nos domínios da arte e da meditação são particularmente eloqüentes. Estamos num ponto de transição, no ponto de redescoberta das nossas raízes, da nossa mandala interior. *Mandala* seria um fio condutor; para muitos, talvez, o fio de Ariadne do labirinto pessoal - fio que conduz à vivência do Universo enquanto mandala. A mandala existe em essência, além do tempo e do espaço, mais velha do que todos nós. “Sim, ela é tão velha quanto o nosso mundo, tão antiga quanto à criação” (DALHKE, 2002, p.37).

Dentro de nós, continua viva a totalidade do desenvolvimento humano no código genético do nosso material hereditário que é o mesmo para os seres vivos. Na alma, como no físico, conservamos as imagens e as experiências da nossa longa história, por isso nela existe imagens da unidade, do paraíso, que outrora abandonamos. E tais imagens da unidade são mandalas – presentes em todos os homens e também em todas as culturas. Uma herança psíquica comum a todos os seres humanos.

Jung descobriu que as mandalas surgem como imagens interiores espontâneas em situações críticas de caos interior como uma tendência autocurativa da alma. Desse modo, o enorme interesse pelas mandalas, observado atualmente, e seu crescente aparecimento na arte e nos exercícios de meditação, ganhariam um sentido porque, sem dúvida, estamos vivendo época que se perde cada vez mais nas aparências e deixa insatisfeita a alma dos homens (DALHKE, 2002, p.48).

É óbvio que o nosso cérebro foi feito para pensar; ele forma uma espécie de mandala, lembra um labirinto, é bipartido (portanto, polar). Orientamo-nos através do labirinto nervoso do nosso cérebro, contudo limitamo-nos a uma única metade - à esquerda - e nos tornamos unilaterais. A metade esquerda analisa, diferencia, sabe escrever, ler, calcular, domina as funções do raciocínio e governa o lado direito do corpo. O hemisfério direito do cérebro, ao contrário, é responsável pela compreensão unitária do mundo, por todas as coisas artísticas, pelos sentimentos, pela percepção de cores, aromas e vibrações e pelo lado esquerdo do corpo. O destaque ao hemisfério esquerdo é um fenômeno específico da nossa civilização ocidental. "As culturas hindus e grande parte do Oriente dão preferência ao hemisfério direito" (DALHKE, 2002, p.52). Na estrutura que interliga as metades cerebrais encontramos o estado de iluminação, na harmonia entre as duas metades polares do cérebro. O intelecto não é mau ou culpado, ele apenas não é tudo. A solução está no meio, entre o leste e o oeste, entre o norte e o sul.

#### **d. O mundo das imagens**

Segundo Silveira (2001), há muitas maneiras de ver as coisas. Existem aqueles que têm olhos apenas para o mundo exterior e esperam cópias de seres e de coisas da natureza externa. Outros aceitam uma realidade interna que só pode ser apreendida e comunicada por meio da linguagem visual. Entre os pintores, há ingênuos que tentam reproduzir a realidade como ela é; outros, procuram penetrar nas construções do mundo real. Há os que exprimem seus sentimentos, ou que permitem produções da fantasia. E há ainda aqueles que não têm a intenção de refletir o visível, mas de tomar o invisível visível (p.82).

A imagem não é a cópia psíquica de objetos externos, mas a representação imediata que se manifesta sem possuir caráter patológico. A imagem interna será mais importante que as imagens das coisas externas. "Percebemos imagens transmitidas pelo aparelho nervoso num processo inconsciente que transforma o fato físico da luz na imagem psíquica luz. Nós vivemos num mundo de imagens" (SILVEIRA, 2001, p.82). No século XX, imagens invadem a vida cotidiana pela televisão, cinema, vídeo, computação gráfica e pelo incessante bombardeio da publicidade.

A psicologia freudiana coloca a imagem em plano secundário como um véu, uma máscara que disfarça tendências e desejos inconscientes. As imagens que aparecem nos sonhos, nas fantasias, nas produções plásticas, são submetidas a um método de investigação que as reduz a motivos de natureza sexual.

O psicanalista Wiat (apud SILVEIRA, 2001, p.84) afirma ser necessário que a pessoa que pinta venha a falar, pois os símbolos que se configuram nas idéias delirantes ou na expressão plástica deveriam ser transpostos em palavras. "Em contraste com as abordagens tradicionais, que se limitavam predominantemente às interações verbais entre terapeuta e paciente, as novas terapias encorajam a expressão não-verbal e enfatizam a experiência direta envolvendo todo o organismo" (Capra apud SILVEIRA, 2001, p.84).

A atitude de Freud ante a imagem foi definida por ele próprio, O conteúdo de uma obra de arte me atrai mais que suas qualidades formais. Teremos de descobrir previamente o sentido e o conteúdo do representado na obra de arte, teremos de poder interpretá-la. A compreensão do seu método de leitura das imagens está no ensaio referente à tela *A virgem, o Menino Jesus e Sant'Anna*, intitulado *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. Para Freud aí se acha à história da infância de Leonardo e da sua inclinação sentimental para a homossexualidade (SILVEIRA, 2001, p.84).

No estudo sobre Schreber, Freud admite ir além da redução do delírio a uma relação infantil entre este e seu pai. Ele declara: Muito pode ainda ser extraído do conteúdo simbólico das fantasias e das idéias delirantes do inteligente paranóico, e aí reconhecer uma multidão de relações mitológicas. E, pouco adiante, Freud escreve que não tardará o momento de ampliarmos o princípio que nós, os psicanalistas, já havíamos estabelecido desde muito tempo, acrescentando ainda ao seu conteúdo individual ortogenético seu complemento antropológico filogenético (Freud apud SILVEIRA, 2001, p.85).

Ao contrário da psicologia de Freud, a psicologia junguiana reconhece importância na imagem, nas fantasias, nos delírios, auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique sem quaisquer disfarces ou véus. A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. Silveira (2001) afirma que se nos é difícil entendê-las de imediato, não é por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem diferente daquela que considera única - a linguagem racional. Na tentativa de penetrar no íntimo de seus doentes, Jung (2002) sugeria-lhes que pintassem. "Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós" (p.86). O que importa é o indivíduo dar forma ao inexprimível pela palavra. Somente sob a forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais.

A psicologia analítica distingue imagens que representam conteúdos do inconsciente pessoal (emoções, experiências vivenciadas pelo indivíduo) de imagens de caráter impessoal que se configuram a partir de disposições inatas inerentes às camadas mais profundas da psique, à sua estrutura básica, o inconsciente coletivo - as imagens arquetípicas.

As imagens arquetípicas configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e



as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos afetos e idéias. As imagens arquetípicas tecem os temas míticos, que exprimem, condensam, as mais intensas experiências da humanidade. São as *emoções coletivas*.

As imagens de caráter mitológico, diz Jung (2002), *são as linguagens inatas da psique em sua estrutura profunda*. É aí que estão às raízes de nossa vida psíquica, a fonte de toda imaginação criadora, com cujas raízes precisamos contatar. Não existe somente o pensamento racional, há também um tipo de pensamento em imagens, em símbolos imemoriais, nos sonhos, no desdobramento das imaginações. Mas, se o homem se afasta de suas raízes, se não mantém contato consciente com elas, se a sociedade onde vive também as renega, poderão de súbito ocorrer reativações violentas. É o que acontece também, em graus variáveis, nas psicoses.

Na condição psicótica, fragmenta-se o ego, desorganizam-se as funções de orientação do consciente, caem os diques que mantinham o inconsciente à distância. A psique subterrânea se revela, deixando descoberta sua estrutura básica e permitindo que se tornem apreensíveis seus processos arcaicos de funcionamento. Foi o trabalho clínico com esquizofrênicos que levou Jung para além das camadas superficiais do inconsciente, com seus conteúdos formados de complexos, de vivências individuais reprimidas, o principal material da análise de neuróticos. A observação atenta e paciente dos psicóticos conduziu a regiões da psique inexploradas, de onde emergiam idéias delirantes e imagens alucinatórias. Da experiência clínica, Jung (2002) descreve a esquizofrenia como a inundação do campo do consciente por conteúdos do inconsciente profundo (coletivo), ou seja, por imagens arquetípicas. Muito pouco chega até nós dos acontecimentos, das lutas que se desdobram na escuridão do mundo interno do psicótico, pois estão quebradas as pontes de comunicação com o nosso mundo. Será necessário dar muita atenção aos fragmentos de frases que o doente pronuncia, à sua mímica, à sua postura, embora o menos difícil seja estudar as imagens que ele desenha, pinta ou modela. Para isso, o estudioso terá de equipar-se de conhecimentos de mitologia, história das religiões, antropologia cultural, a fim de ser capaz de estabelecer paralelos históricos com as imagens simbólicas captadas por meio da pintura.

Essas imagens poderão estar presentes nas criações artísticas, literárias ou plásticas do mesmo modo que marcam as etapas do processo normal de desenvolvimento da personalidade, processo que se desenvolve à medida que certos conteúdos da psique profunda vão sendo integrados. O psicótico, portanto, não pode integrar esses conteúdos porque é dominado por eles. O fator patológico reside impossibilidade de controle sobre o inconsciente, a doença está na cisão do ego.

O terapeuta freudiano tem a preocupação em interpretar as imagens simbólicas, e o faz em sentido redutivo, procurando descobrir elementos disfarçados pela imagem das vivências da infância do indivíduo. A proposta de Jung é diferente porque imagem e significação são idênticas para ele. Quando a imagem se configura, também a significação torna-se clara. As imagens arquetípicas não necessitam de interpretação, pois elas retratam sua própria significação. A tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens e a situação emocional do indivíduo.

Na obra de Jung, encontram-se inúmeras leituras de imagens, sejam de sonhos, visões, desenhos, pinturas, sempre estudadas em série, "pois essas imagens são auto-representações de transformações energéticas que obedecem a leis específicas e seguem direção definida." Atravessando várias etapas, integrando opostos, chegar-se-á à individuação, o que significa cada um tornar-se o indivíduo que realmente é em seu rascunho original. Não importam as posições teóricas nem as técnicas utilizadas. Cada um trabalha com o instrumento que prefere, mais de acordo com sua natureza. Ninguém tenha a ilusão de que essa escolha seja unicamente uma questão racional. É sempre uma preferência subjetiva.

## e. Elementos

A teoria dos Cinco Elementos, segundo Chevalier & Gheerbrant (2002), é o mais antigo tratado de filosofia chinesa; nela encontra-se a correspondência, no tempo e no espaço, dos elementos água, madeira, metal e terra com os cinco primeiros números 1, 2, 3, 4 e 5, além da correspondência destes com um animal, uma víscera, uma cor, um sabor, uma planta, um modo da escala musical pentatônica, um planeta e uma ação. Os Cinco Elementos reagem uns sob os outros, produzindo-se um do outro ou destruindo-se um pelo outro.

Para os gregos, os elementos são quatro, a água \*, o ar\*, o fogo\*, terra\*, transformando-se uns nos outros; procedendo uns dos outros; há, ainda, o éter, um quinto elemento. "Esses elementos têm sua correspondência na simbólica baseada na análise do imaginário. E cada elemento age como condutor para uma outra realidade que não é a sua" (Bachelard apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p.361). Os quatro elementos correspondem aos quatro temperamentos: a água ao linfático, a terra ao bilioso, o ar ao sangüíneo e o fogo ao nervoso. Os quatro elementos são os fundamentos daquilo que Bachelard denominou de *a imaginação material, os hormônios da imaginação*.

Jung (2002) retoma a distinção tradicional entre os princípios ativos e masculinos (ar e fogo) e os princípios passivos e femininos (água e terra) cujas combinações e relações simbolizam a complexidade e a infinita diversidade dos seres conforme a predominância de um determinado elemento. No plano interior e espiritual, a evolução psíquica é evocada pela valência de *condutor* própria a cada elemento: o fogo (agente de toda evolução)

é o elemento motor que anima, transforma, que faz com que evoluam de um para outro os três estados da matéria - sólido (terra), líquido (água), gasoso (ar). Sendo símbolos, os elementos estabelecem uma ligação entre a astrologia e a antiga doutrina dos grandes filósofos (Pitágoras, Empédocles, Platão, Aristóteles).

Os diversos fenômenos da vida estão sujeitos às manifestações dos elementos, que determinam à essência das forças da natureza na realização de sua obra de geração e de destruição. Cada elemento é representativo de um estado e está assimilado num conjunto de condições dadas à vida, numa concepção evolutiva. Assim, tem-se uma ordem quaternária da natureza, temperamentos e etapas da vida humana. As operações da alquimia, da astrologia e das disciplinas esotéricas repousam na base desses valores universais.

A simbólica maçônica elaborou um quadro de correspondência entre os elementos e as principais etapas da ascensão iniciática, estabelecendo uma aproximação com certos dados da astrologia tradicional, "ao elemento Fogo corresponde o ardor e o entusiasmo; ao elemento Água, a sensibilidade e a emotividade ao elemento Ar, a intelectualidade; ao elemento Terra, a materialidade" (Boucher apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p.362). Considera, também, as correspondências zodiacais com os elementos: Fogo: Áries (ou Carneiro), Leão, Sagitário; Água: Câncer, Escorpião, Peixes; Ar: Gêmeos, Libra (ou Balança), Aquário; Terra: Touro, Virgem, Capricórnio.

A tradição mística muçulmana (*sufi*) estabelece entre as quatro etapas da evolução iniciática e os quatro elementos relações contrárias. A realidade aparente não tem nenhuma materialidade e o caminho da perfeição principia por queimar dentro do homem as imagens dessa realidade ilusória; ele começará a apreender a divina e única realidade verdadeiramente sólida, o elemento terra.

## **Materiais e métodos**

Tratou-se de um Projeto que trabalhou na convicção de que *fortalecer emocionalmente apenas para a inclusão social*, proposta que fundamenta a capacidade latente para projetar conflitos internos através do poder curativo da arte que subjaz nos indivíduos, pois dinamicamente orientados, o encarcerado poderá ressignificar emoções e sentimentos por meio de suas criações artísticas e para a consecução desse intento:

- a) a metodologia das oficinas compreendeu três meses consecutivos de atividades com os apenados.
- b) o uso de recursos materiais alternativos – *sucatas* - foi intencional e planejado pelas possibilidades de ressignificação que os mesmos oferecem. A transformação dos materiais estabelece uma relação direta com a condição do aprisionado quando trabalha os seus sentimentos e as suas emoções com atividades artísticas. Foram utilizados papéis de cores, tamanhos e gramaturas diversificadas, cola, fitas adesivas, balões, lápis de cor e de cera, canetinhas, tintas naturais e tintas industrializadas como guache, anilinas; pincéis, rolos de espuma, panos e potes plásticos de tamanhos diversos, massas de modelar e argila; imagens de revistas, livros, jornais, e materiais oriundos da natureza como couro, sementes, grãos, esponjas, folhas, flores, terras, serragem, palhas, sal, entre outros. Ainda, materiais de expediente em geral e material de suporte como aparelho de som com CD, máquina fotográfica, filmadora, gravador.
- d) fundamentação teórica das propostas arteterapêuticas do projeto foram as idéias de pensadores e pesquisadores como Carl Jung, Nise da Silveira, Carl Roger, Sara Païn e Gladys Jerreau, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, Edgar Morin, Augusto Boal e Dahlke Rüdiger além de outras consideradas significativas para o desenvolvimento do Projeto.
- e) as atividades e dinâmicas realizadas nas oficinas utilizaram exercícios específicos de Arteterapia abrangendo a música, as artes plásticas e o teatro terapêutico com o objetivo de integrar pensamento/sentimentos com a corporeidade do apenado participante. Os exercícios práticos foram iniciados com música - momentos de relaxamento, recolhimento interior - para que as imagens do inconsciente pudessem fluir de forma mais livre e espontânea, verdadeiramente auxiliar na produção das atividades arteterapêuticas.
- e) os critérios adotados para avaliação do projeto foram a observação direta feita pelas arteterapeutas, a produção individual e coletiva dos participantes registradas em fotografias e vídeo, a apreciação dos participantes sobre as suas produções artísticas e as dos colegas, os depoimentos verbais e escritos dos participantes.

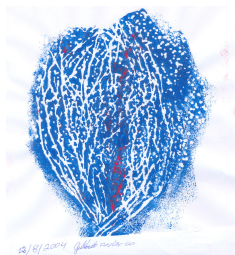
## **Resultados e discussões**

O pedido de Oficina de Arteterapia com apenados foi formulado pela professora C.V.C. que atua com Educação de Jovens e Adultos no Presídio de Lagoa Vermelha, município situado no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, sendo realizado em oito encontros de duas horas semanais com a participação de quinze apenados, no período de julho a setembro de 2004 do qual se expõem às discussões ocorridas entre todos os participantes do Projeto. Os resultados foram obtidos no transcorrer dos encontros, após a conclusão das atividades arteterapêuticas, pelo registro de alguns depoimentos espontâneos, sem compromisso formal com a investigação científica como os seguintes:

- a) **Apenado G.P.** - 29 anos, branco, casado, pena de 9 anos, com 3 anos de cárcere.

*As senhoras são diferentes, pois, outros palestrantes sempre que trancavam as portas e ficavam com o olho arregalado olhando pra porta todo tempo. Nós não somos violentos. [...] hoje percebo que a falta de afeto, de convivência em família me prejudicou, me levou a parar aqui. Sou índio, morava em uma tribo, meu pai bebia muito e fomos expulsos. Ai, fomos morar nas costa do rio em baixo de uma barraca, éramos nove irmãos, minha mãe deu todos nós e isso dispersou a família, não convivemos, não tivemos amor um pelo outro. Dois de meus irmãos nunca me visitaram. [...] Melhorou meu pensamento, deixei os pensamentos negativos. Achei interessante este trabalho, já deixei as coisas ruins de lado e certos pontos da minha vida, estou pensando em ser feliz mais uma vez e viver minha liberdade. Quando comecei a fazer Arteterapia não confiava mais em mim, agora todos os “papéis” estão se ajeitando para mim.*

Cabe a afirmação de Païn & Jarreau (1996, p.21) sobre o olhar do terapeuta, “cujas regras de funcionamento e as relações pessoais são diferentes de tudo aquilo que lhe é familiar”, e cujos sofrimentos obtiveram ressignificação na criação artística, cimentando idéias de reinserção social. Esse apenas solicitou que sua esposa também pudesse fazer Arteterapia no ateliê, pois segundo ele, estava muito deprimida.



Proposta:  
Ar, água, terra e fogo



Flagrante de produção dentro da proposta “Quatro Elementos”.

Fig. 1

Silveira (2001, p.82) afirma que “certamente há muitas maneiras de ver as coisas”. Existem aqueles que têm olhos apenas para o mundo exterior e esperam do desenho ou da pintura cópias mais ou menos aproximadas de seres e de coisas da natureza externa. Outros, como Kandinsky, aceitam a existência de uma realidade interna, mesmo mais ampla que a natureza externa, realidade que unicamente pode ser apreendida e comunicada por meio da linguagem visual). Realmente, poder fazer uma representação, produto da função imaginativa do inconsciente, uma imagem interna é importante instrumento da Arteterapia.

Para tanto, usou-se o conceito que os conteúdos reprimidos no inconsciente serão trazidos à consciência pelo restabelecimento, através do trabalho analítico, das ligações intermediárias que são as recordações verbais.



Proposta:  
Mandala dos desejos



Registro da confecção de mandalas, onde recortes ganham novos significados.

Fig. 2

b) **Apenado N. S.** - 33 anos, branco, solteiro, pena de 28 anos, 9 anos de cativo, homicídio.

*[...] Aqui sinto falta de trabalho. [...] minha esposa deu nosso bebê de três meses [...] faz sete anos que não vejo minha filha.*

Após alguns encontros realizados na oficina, ele comentou sobre o trabalho: *“achei que foi uma coisa boa, profissional, gostei muito, me senti bem melhor depois destes encontros que tivemos. Só tenho a agradecer, me sinto muito tranquilo e até me fez pensar bem melhor, de uma maneira melhor do que eu pensava antes”.*

N.S. era muito tímido, falava pouco, parecia triste, mas foi o participante que apresentou um crescimento mais significativo principalmente em sua aparência física, na postura corporal e quanto à expectativa de vida futura fora do cárcere. Participava das aulas do EJA chegando a ganhar o primeiro lugar em uma redação com o título *Um dia na oficina de Arteterapia*.



Proposta:  
Mandala da paz



Fig. 3

Foto da Oficina:

Apenados buscando o caminho da Paz através das cores e das formas.

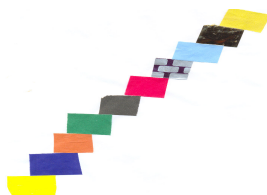
Jung (2002, p.21) propunha inúmeras leituras de imagens, sejam de sonhos, visões, desenhos, pinturas, pois “essas imagens são auto-representações de transformações energéticas que obedecem a leis específicas e seguem direção definida.” Na mandala de N.S. tem-se uma das tentativas de realizar o processo de individuação, reafirmada no depoimento, [...] *Sou uma pessoa muito calma, alguns ficam poucos meses e “enlouquecem”, não suportam a prisão.* Com o que se confirma a busca do necessário equilíbrio para sobreviver na prisão.

Silveira (2001, p.87) diz que “atravessando várias etapas, integrando opostos, chegar-se-á, através desse embate, à individuação, o que significa cada um tornar-se o indivíduo que realmente é em seu rascunho original. Não importam as posições teóricas nem as técnicas utilizadas.” Mas, alerta que *cada* “um trabalha com o instrumento que prefere, o instrumento mais de acordo com sua natureza. Ninguém tenha a ilusão de que essa escolha seja unicamente uma questão racional. É sempre, no fundo, uma preferência subjetiva.” Realmente, as cores, o movimento, os traços, ângulos, círculos, claro-escuro são exatamente os elementos que falam do seu interior e da sua trajetória no encaixe da “calma” propalada.

c) **Apenado J.P.** – 23 anos, branco, solteiro, condenação por furto e tentativa de seqüestro, cumpriu um ano e onze meses de uma pena de oito anos e nove meses.

*Essa faixa vermelha aqui, pra mim representa transtorno, [...] Depois deu uma alinhada novamente na minha vida, voltou ao normal que representei com verde. [...] (aqui fala com voz sufocada) E minha fase adulta, onde estou agora, também é preto. Mas tenho fé que a vida vai melhorar e não vai demorar muito.*

*[...] O trabalho de Arteterapia pra mim no momento, me passa uma sensação de alívio tanto interior como no ambiente. [...] Aqui é difícil estar em paz até com a própria pessoa, e não estando de bem consigo mesmo é difícil estar de bem com os outros.*



Proposta:  
Linha da vida



Fig. 4

Cores e formas “ressignificam” momentos marcantes na trajetória de vida dos apenados.

Está presente o fenômeno que Morin & Kern (2003, p.85) apontam como os erros da visão desenvolvimentista da civilização ocidental que, se de um lado proporciona “a elevação dos níveis de vida, pode estar ligada à degradação da qualidade de vida”, uma vez que são males da civilização moderna a ausência de comunicação interpessoal e a perda de identidade pelo indivíduo. J. P. L. P. quer contar como era e para onde

está querendo ir: [...] no encontro em que foi utilizada música com sons da natureza eu me lembrei do sítio da minha mãe, me imaginei na cachoeira e rodeado de árvores.

“Cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria... Cada um traz em si tesouros, carências, falhas, abismos” (MORIN & KERN, 2003, p.59). – J. P. algumas vezes chegou mesmo a chorar.

Païn & Jarreau (1996) afirmam que “o trabalho está centrado na pesquisa do sujeito para encontrar e elaborar um universo de imagens significantes de seus conflitos subjetivos”, verdade confirmada na *Linha da vida do apenado* traçada em linha descendente, de cor preta.

#### d) Professora C.V.C. sobre o trabalho realizado nas oficinas de Arteterapia

“[...] pois todos os trabalhos que foram até hoje desenvolvidos dentro do presídio é aquela preocupação em nutrir o corpo do presidiário, apresentar espaço, água, luz, cama... é a primeira vez que eu vejo alguém nutrindo a alma do presidiário.” A professora refere-se ao alimento da Arte. Arte que no entendimento de René Huyghe surge a meio caminho do homem e do universo. Nela, ele se reconhece, encontra seus pensamentos e seus sentimentos, ao mesmo tempo que faz aquilo que o cerca e que não é ele” (Huyghe apud PAÏN & JARREAU, 1996, p.9).

*[...] sei que como humanos temos sede de amor, de compreensão e a gente não encontra pessoas preocupadas em fazer este tipo de atividade. [...] cada vez que olhamos para cada um deles, nós o vemos como um irmão, um filho, como um ser humano. [...] tem tantos adolescentes aqui dentro e vemos que lá no fundo existe uma vontade de mudar e de melhorar.* A professora captou a intenção do Projeto de oferecer uma oportunidade de transformação através da atividade artística. Daí, a utilização de sucata, simbolicamente objetos de ressignificação.

*[...] desenvolver trabalhos desta natureza. Alimentar a alma da pessoa pra encontrar a paz [...] percebi que nas atividades de Arteterapia a gente bota pra fora tudo o que temos dentro, mágoas, ódios, revoltas. Por causa dessa visão que se firma da Arteterapia é que o trabalho do arteterapeuta precisa estar consciente atento ao processo de construção simbólica, uma aventura contínua causadora de sucessivas transformações que são mais importantes do que o resultado final.*

Ao término das atividades, surgiram algumas idéias importantes. Em primeiro lugar, faz-se necessária a continuidade da atividade terapêutica com os apenados, num ateliê multidisciplinar, onde possam estruturar um suporte para os processos de transformação por que passaram. Funcionaria como uma espécie de familiarização com o espaço exterior que os esperam no meio em que serão reinseridos. Aliás, toda família precisaria deste apoio e dessa ressignificação dos conflitos que viveram.

### Considerações finais

*Fortalecer emocionalmente apenados para a inclusão social é possível e indispensável.* Para poder conduzir essas atividades de vocação arteterapêutica dos conflitos, necessita-se delinear um profissional que tenha disposições e conhecimentos específicos. O arteterapeuta precisa dominar a técnica das atividades plásticas, as teorias da psicologia da representação e da expressão e os campos da arte numa constante e contínua preparação das zonas que se interligam no processo arteterapêutico da representação simbólica. O Projeto *ouviv* os apenados na dialética entre o ego e as imagens do seu inconsciente nas tentativas de realizarem a individualização, onde cada indivíduo pôde tornar-se o sujeito *que realmente é em seu rascunho original.*

Aceitar, como Morin & Kern (2002, p.59) ensinaram, que “cada um traz em si tesouros, carências, falhas, abismos; cada um traz em si a possibilidade do amor e da devoção, do ódio e do ressentimento, da vingança e do perdão, é reconhecer também a identidade humana” é tão importante quanto fazer a escuta do discurso narrativo do apenado dos obstáculos por que passou até encontrar, através da arte, um caminho de ressignificação do seu sofrimento, da história de sua vida.

### Referências

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Elementos*. 17. ed. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

DALHKE, R. *Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina*. Trad. Margit Martincic. 8. ed. São Paulo: Pensamento, 2002.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MORIN, E.; KERN, A.-B. *Terra Pátria*. Trad. Paulo Azevedo Neves da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PAÏN, S.; JARREAU, G. *Teoria e técnica de arte-terapia: a compreensão do sujeito*. Trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVEIRA, N. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 2001.

### 3 – LINGUAGEM E EXPRESSÃO CORPORAL PARA UMA VIDA MELHOR

*Mariléa Bernadete Hoffmann Loos*<sup>12</sup>

**Resumo:** A Linguagem e Expressão Corporal é uma disciplina do curso de Arteterapia. Este texto está baseado nas dinâmicas realizadas em sala de aula e relacionado com a pesquisa bibliográfica. O ser humano é um ser integral, ou seja, um ser bio-psico-social-espiritual. Podemos utilizar várias linguagens e expressões buscando melhorar o estar-no-mundo. O brincar de roda, o desenho de círculos, como os mandalas, muitas vezes esquecidos pelos adultos, podem restabelecer a ordem psíquica. A roda tem a simbologia de trazer integração, renovação, mudanças e o criar contínuo. A dança individual ou em grupo é uma linguagem que expressa celebração. Permite a expressão e comunicação de nossos sentimentos e idéias, pelo movimento de nosso corpo. As técnicas de massagem e de relaxamento ajudam a liberar tensões musculares causadas pela angústia, ansiedade e medos que ocorrem em nossa vida. As nossas emoções e os nossos sentimentos, quando não resolvidos, interferem no nosso corpo podendo gerar dores e doenças. Por meio do conhecimento de várias técnicas o arteterapeuta poderá contribuir para que o paciente tome consciência dos sintomas e transforme sua vida para um viver melhor. E assim, contribuir para um universo melhor. Pois curar-se é encontrar a confiança no outro, em nós mesmos e na vida.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Linguagem Corporal; Expressão Corporal; Massagem; Técnicas Mente-Corpo e de Relaxamento.

#### Language and corporal expression for a better life

**Abstract:** The Language and Corporal Expression it's a subject of the Course of Arteterapia. This text is based on the dynamics carried in classroom and it's related with the bibliographical research. The human being is an integral being, a bio-psico-social-spiritual human being. We can use some languages and expressions searching improve the being in the world. Many times, playing of circle and drawing of circles like mandalas are forgotten for the adults, they can reestablish the psychic order. The circle has the symbology to bring integration, renewal, changes and the continuous creating. The individual dance or in group is a language that express celebration. It allows to the expression and communication of our feelings and ideas for the movement of our body. The relaxation and massage techniques help to liberate muscular tensions caused by the anguish, anxiety and fears that occur in our life. When we not decided our emotions and feelings we intervene with our body that can engender pains and illnesses. Through the knowledge of several techniques the arteterapeuta will be able to contribute so that the patient takes conscience of the symptoms and transforms his life in a better life. Thus, the patient contributes for a better universe. Because to cure yourself is find the confidence in the other and in ourselves and in the life.

**Key words:** Art Therapy; Corporal Language; Corporal Expression; Massage; Mind-Body Techniques and of Relaxation.

#### Lenguaje y expresión corporal para una vida mejor

**Resumen:** El Lenguaje y Expresión Corporal es una materia del curso de Arteterapia. Este texto está basado en dinámicas realizadas en sala de aula y relacionado con pesquisa bibliográfica. El ser humano es un ser integral, o sea, un ser bio-psico-social-espiritual. Podemos emplear diferentes palabras y expresiones para tratar de mejorar el vivir en el mundo. Jugar a la rueda, dibujar círculos, como mandalas, son actividades olvidadas por los adultos a pesar de tener el poder de restablecer la armonía psíquica. La rueda simboliza integración, renovación, cambios y un crear continuo. La danza individual o en grupo es un lenguaje que expresa celebración. Permite la expresión y comunicación de nuestros sentimientos e ideas a través del movimiento de nuestro cuerpo. Las técnicas de masaje y de relajamiento ayudan a librar tensiones musculares causadas por la angustia, ansiedad y miedos que ocurren en nuestra vida. Cuando no conseguimos resolver nuestros problemas emocionales y nuestros sentimientos, estos terminan interfiriendo en nuestro cuerpo, manifestándose a través de dolores y enfermedades. El arteterapeuta puede ayudar al paciente a través de su conocimiento y diferentes técnicas a tomar consciencia de sus síntomas y así contribuir a transformar su vida en un vivir mejor. De ésta

<sup>12</sup> Graduada em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas (FURB – Blumenau, SC). Especializações em “O Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos” (FURB – Blumenau, SC) e “Aconselhamento e Psicologia Pastoral – Família” (EST – São Leopoldo, RS). Cursando: “Arteterapia: Fundamentos Filosóficos e Prática” (FSL – Brusque, SC). Professora primária (7 anos) e de Educação Artística (20 anos). Artista Plástica. Endereço: Rua Dionísio Cerqueira n. 12, Blumenau – SC. Fone: (47-3327.0738). [mhloos@terra.com.br](mailto:mhloos@terra.com.br).

forma se contribuye también para un universo mejor. Terminando podemos decir que curarse es encontrar la confianza en el otro, en nosotros mismos y en la vida.

**Palabras clave:** Arteterapia; Cinésica; Expresión Corporal; Masaje.

## Introdução

Conhecer o nosso próprio corpo e o do outro por meio da linguagem e expressão corporal é um dos objetivos para identificar problemas corporais, emocionais e dos sentimentos. Ser-no-mundo e sentir estar-no-mundo é viver o corpo como instrumento de conhecimento, expressão e convivência. Somos seres integrais, portanto, seres bio-psico-social-espirituais. Seres que querem e necessitam viver plenamente com saúde. Somos feitos para a saúde e não para a doença. Se algo está acontecendo com o nosso corpo ou com a nossa psique precisamos de ajuda. Para isto existem várias técnicas. Pode ser pela dança, pela expressão do nosso corpo, pela massagem corporal e outras. Este texto, tendo como base inicial o trabalho prático, realizado na Disciplina Linguagem e Expressão Corporal, em sala de aula nos dias 15 e 16 de junho de 2007, na Faculdade São Luiz, em Brusque, pretende expor em pinceladas o que pode ser feito para o ser humano ser cuidado conhecendo o próprio corpo ou o corpo do outro.

## Roda

Iniciou-se a aula com a formação de uma roda com todos os alunos do Curso de Pós Graduação Lato-Sensu em Arteterapia e a prof<sup>a</sup> Sonia Tommasi. Foi colocada música de fundo.

Lembrei-me das brincadeiras das crianças. Elas, ainda com tenra idade, brincam de roda. É o início do contato com outro ser humano. Pode-se fazer uma roda só com duas pessoas. Vê-se isto principalmente quando as crianças já no maternal brincam com os outros colegas.

A roda faz parte da perfeição, a qual é lembrada também pelo círculo, entretanto com certo valor de imperfeição. A roda, como o círculo, não possuem começo e nem fim. Na espiritualidade podem exprimir a eternidade, a qual é compreendida como um eterno retorno. A roda simboliza nos textos sagrados o desenvolvimento da revelação divina. Simbolizam os ciclos, os reinícios, as renovações, as mudanças e o criar contínuo. A roda é um símbolo do deslocamento e da libertação, ela pode sair do lugar sem perder a forma (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006).

A roda e o círculo representam o simbolismo cósmico e o retorno. Para Chevalier & Gheerbrant (2006, p.779), “Todo o simbolismo cósmico, todos os passos espirituais e os símbolos que lhe são comuns, como o labirinto, a mandala, a escada ou a alquimia, indicam um retorno ao centro, a origem, ao Éden, uma reintegração da manifestação no seu princípio.”

Jung mostrou que o símbolo do círculo é uma imagem da psique, o símbolo do *self*, ao passo que o quadrado é o símbolo da matéria terrestre, do corpo e da realidade (JUNG, 2002).

Sendo uma figura geométrica fechada, sem começo e sem fim, o círculo garante uma proteção dentro de seus limites. O círculo é muito usado na magia e no misticismo. Foi muito usado como um cordão de defesa ao redor das cidades e dos túmulos para impedir a entrada de inimigos, das almas errantes e dos demônios. Muitos ainda usam o círculo protetor em volta do corpo em forma de argola ou aro, em braceletes, colares, cintos e coroa (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006).

O mandala também é um círculo, representa o homem e o Universo e é usado como objeto ritualístico e para meditação (LAROUSSE, 2006). Seu desenho, muitas vezes, é complexo e pode se encerrar numa moldura quadrada. Quem o contempla pode ser induzido à iluminação e chegar ao divino. Não há explicação científica do poder do mandala. Suas vibrações são sentidas como uma força superior ao nosso entendimento, neles há um espaço para o sagrado e para a ascensão espiritual. Vemos muitos mandalas na própria natureza como às flores, e o sol.

A tradição tibetana usa o mandala como guia imaginário e provisório da meditação. O mandala é manifestado em suas “combinações variadas de círculos e de quadrados o universo espiritual e material assim como a dinâmica das relações que os unem, no plano tríplice, cósmico, antropológico e divino. [...] O mandala possui uma eficácia dupla: conservar a ordem psíquica, se ela já existe; restabelecê-la, se desapareceu. Nesse último caso, exerce uma função estimulante e criadora” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.586).

## Sentir as mãos

Em seguida, a prof<sup>a</sup> Sonia solicitou que sentíssemos as mãos que estávamos segurando, a do lado esquerdo e a do lado direito.



Em todas as civilizações, desde a mais antiga, fez-se uso da linguagem das mãos, dos seus gestos e atitudes, seja pelo estudo mais profundo ou mais superficial. A mão pode exprimir a idéia de atividade, como também de poder e de dominação. A mão é um símbolo real, instrumento de competência e sinal de dominação. Quando se fala na mão esquerda de Deus esta é associada com a justiça e a mão direita com a misericórdia. A mão direita é aquela que abençoa, é o atributo da autoridade sacerdotal, da justiça e do poder real.

As danças rituais do sul da Ásia foram chamadas de danças das mãos. Não somente os movimentos que elas inscrevem no espaço, mas a própria posição das mãos em relação ao resto do corpo e dos dedos em relação uns aos outros, são altamente significativos. O mesmo acontece com as artes plásticas, a pintura e a escultura: as posições relativas das mãos e dos dedos simbolizam atitudes interiores. [...] Na tradição bíblica e cristã, a mão é o símbolo do poder e da supremacia. Ser alcançado com a mão de Deus é receber a manifestação de seu espírito. Quando a mão de Deus toca o homem, este recebe em si a força divina. [...] No Antigo Testamento, quando se faz alusão à mão de Deus, o símbolo significa Deus na totalidade de seu poder e de sua eficácia. A mão de Deus cria, protege; ela destrói, ela se opõe. É importante distinguir a mão direita, a das bênçãos, da mão esquerda, a das maldições. [...] Cair nas mãos de Deus ou de determinado homem significa estar a sua mercê; poder ser criado ou eliminado por ele (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.590/591).

Ao colocar as mãos nas mãos de outra pessoa, entrega-se a própria liberdade, ou seja, desiste-se dessa liberdade, confiando a essa pessoa sua vida, tornando-se fraco, dependente. “No evangelho de Tomé há uma frase que diz: ‘Teremos uma mão na nossa mão’. Na nossa mão há a mão da vida. É interessante sentir, às vezes, esta presença em nossa mão” (LELOUP, 2004, p.124).

As mãos também podem ser usadas para curar. Desde tempos remotos utiliza-se a mão para este fim. Chegou ao Ocidente por meio de diferentes culturas: chinesa, japonesa, egípcia, indiana, coreana e outras (GRISA & BACK, 2003). Diz-nos Leloup (2004, p.124) que “na tradição dos Terapeutas, existe a prática da imposição das mãos. Através das mãos comunicamos nossa energia, nosso coração.”

Há várias técnicas para se utilizar as mãos, como o Reiki, a imposição de mãos etc. É uma transferência de energia ou de poder.

O Reiki é uma técnica de cura natural criada por Mikao Usui (viveu de 15/8/1865 a 9/3/1926) no Japão. Rei é um ideograma que expressa Sabedoria Divina, Espírito, Alma e Memória; e Ki expressa a Energia Vital, Energia Cósmica e Energia Criativa (FLESH, s/d.). “É um sistema de cura pelo toque das mãos de incomparável simplicidade e eficácia” (STEIN, 2004, p.25).

A imposição das mãos usada por parapsicólogos emprega o poder da mente. Ela pode ser feita também à distância. Diz-nos Grisa & Back (2003, p.102-103), “mas a essência, o cerne, é a atuação da mente. A Imposição das Mãos, a forma de impor as mãos, como e onde impor as mãos, são apoios que auxiliam a concentração da mente sobre o elemento a ser tratado ou o efeito a ser produzido. O essencial é o desencadear do poder da mente”.

Na Bíblia há muitos relatos que no tempo de Jesus Cristo e seus discípulos eles curaram por meio da imposição de mãos. At 28.8 [...] Paulo foi visitá-lo, e, orando, impôs-lhe as mãos. Lc 22.51 Mas Jesus acudiu, dizendo: Deixai, basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou.

A mão difere de pessoa para pessoa. Ela pode ser quente ou fria, fina ou grossa, esquelética ou rechonchuda, pequena ou grande. Ela pode ser usada como arma quando agride, de utensílio quando comemos e de carícia quando exprimimos afeto, consegue diferenciar tudo o que toca e modela. Ela é exclusivamente humana: masculina e feminina. Pode soltar ou segurar. Ao cumprimentarmos, ao tocar, ao apertar uma mão estamos reconhecendo, conhecendo o outro.

Em determinadas práticas orientais, trabalha-se muito com *mudras*, que são gestos rituais das mãos e dos dedos, que servem para exprimir uma atitude ou imagem mental. Fazendo as mãos dançarem e se movimentarem, podemos curar uma pessoa, seja pela massagem, pelo Reiki, pela imposição de mãos.

Ao pegamos na mão de alguém é para cuidá-lo. Andamos de mãos dadas com uma criança, com o nosso amor, mas também podemos usar a reflexologia - há técnicas muito precisas - para ajudar. Podemos pegar os pés, as mãos, as orelhas, porque cada parte está ligada à totalidade do corpo. E podemos cuidar do fígado, do pâncreas, da vesícula biliar, simplesmente massageando as mãos. Nos *mudras*, nos gestos simbólicos das danças indianas, existe não só uma função estética como também uma função de cura (LELOUP, 2004).

## Dança Livre

Foi colocada uma música e a prof<sup>a</sup> Sonia sugeriu que todos dançassem livremente. Iniciou-se, então, o momento de acompanhar com o corpo a expressão sentida com a música.

A dança é linguagem é celebração. Ela nos permite comunicar sentimentos e idéias sem a fala só pela expressão e movimento do corpo. É uma “linguagem para além da palavra: porque onde as palavras já não bastam, o homem apela para a dança” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.319).

Pela harmonia dos movimentos da dança é-nos permitido um desenvolvimento da harmonia do nosso Ser. “A dança é um instrumento poderoso de Educação, pois lida ao mesmo tempo com as três dimensões universais: Tempo, Espaço, Energia” (WEIL & TOMPAKOW, 1986, p.267).

A música interfere nos movimentos corporais, pelo ritmo, harmonia e pela melodia. A nossa própria circulação sanguínea possui ritmo.

Ao nos vestirmos para a dança com panos, saias rodadas e maquiagem, estávamos nos transformando em algo diferente do que a roupa que é usada no dia a dia. Transformamos-nos e nos tornamos individuais, únicos na forma de vestir e se apresentar. “A roupa é um símbolo exterior da atividade espiritual, a forma visível do homem interior” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.947). Neste caso, o traje nos serviu como símbolo da liberdade de expressão individual, distinguindo-nos dos outros, sem transformar-nos em meros manequins.

O ideal seria que o traje expressasse uma relação de natureza simbólica com a personalidade profunda de cada um sem tornar-se banal. A roupa também serve para esconder o aspecto individual do corpo.

As roupas usadas em rituais também são ricas em símbolos, como as dos xamãs, dos religiosos, dos magos, dos adivinhos, etc. “A vestimenta não é um atributo exterior, alheio à natureza daquele que a usa; pelo contrário, expressa a sua realidade essencial e fundamental” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.948).

Somente o homem utiliza a roupa, pois ele possui a consciência de sua nudez e a consciência de si mesmo. Mas o homem também é influenciável pela moda, pelo grupo social que interferem no seu desejo de vestir. É através “do traje que se reconhece o verdadeiro eu, o que ele é na essência, além das aparências enganadoras” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.949).

### **Dança em duplas, com toque sensual**

Foi colocada uma música e a profª Sonia nos sugeriu a dança em duplas com exploração do toque sensual no corpo.

Na dança podem surgir muitos sentimentos e desejos. Depende do tipo de música, do momento, das pessoas, das roupas, do ambiente, da indicação e sugestão de quem comanda. No ordenamento da dança e de seu ritmo, é que se realiza e completa a libertação do corpo e da mente. Em muitas culturas a dança chega ao máximo da pessoa sair de si mesmo, ou seja, a chegar ao transe total de libertação.

Segundo Chevalier & Gheerbrant (2006, p.319), “O que é esta febre, capaz de apoderar-se de uma criatura e de agitá-la até o frenesi, senão a manifestação, muitas vezes explosiva, do Instinto da Vida, que só aspira rejeitar toda a dualidade do temporal para reencontrar, de um salto, a unidade primeira, em que corpos e almas, criador e criação, visível e invisível se encontram e se soldam, fora do tempo, num só êxtase. A dança clama pela identificação com o imperecível, celebra-o.”

No ritmo, no espaço, no tempo da música e no ritmo respiratório, na expressão do rosto do dançarino temos uma expressão própria que só a dança pode nos dar. A linguagem é a mesma na dança e nas atitudes físicas, os gestos podem ser amplos ou curtos, lentos ou rápidos, o que diferencia é a forma como é feita (WEIL & TOMPAKOW, 1986).

As danças têm várias finalidades. Desde os tempos mais remotos os povos a usam para diversos rituais, sejam eles sagrados ou profanos. As danças podem ser populares ou eruditas, elaboradas ou de improvisação, individuais ou coletivas, as quais buscam a libertação no êxtase. Os xamãs dizem que, através do ritmo dos tambores e da dança conseguem chegar ao mundo dos espíritos. É pela dança também, que alguns povos conseguem se libertar do perecível.

As danças podem servir para pedir saúde ou cura, amores, chuvas, sol, mas também pode ser a dança do luto como na China. “É essa, sem dúvida, a razão pela qual a medicina descobre – ou redescobre – uma terapêutica da dança, que as culturas conhecidas como animistas nunca deixaram de aplicar” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.319/320).

Há danças rituais que interferem em todo o corpo, como as da Índia. Seus gestos simbolizam

estados d'alma distintos: mãos, unhas, globos oculares, nariz, lábios, braços, pernas, pés, ancas, que se mobilizam em meio a uma exibição de sedas e de cores, ou, por vezes, numa quase nudez. Todas essas figuras exprimem e pedem uma espécie de fusão num mesmo movimento estético, emotivo, erótico, religioso ou místico, que é como que uma volta ao Ser único de onde tudo emana, para onde tudo retorna por um ir e vir incessante da Energia vital (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.320).

## Apresentação da dança individual e do seu nome

Estávamos em círculo, ainda vestidos com as saias rodadas ou com panos e lenços nos ombros. Sonia foi ao centro e iniciou uma dança individual olhando e gesticulando para as pessoas até dizer o seu nome e colocar/passar o lenço para a outra pessoa, em silêncio. Esta pessoa entrou no centro, fez a sua dança, apresentou o seu nome e passou o lenço adiante.

O nome tem um significado muito especial para a pessoa. No Antigo Testamento Deus chama pelo nosso nome: “Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu.” (Isaías 43.1) Quando evocamos o nome de alguém chamamos pelo seu ser. O nome do ser humano é como se fosse único, só a ele pertence. Quando invocamos o nome de Deus, do Senhor, de Jesus Cristo ou mesmo de outro ser, estamos chamando por eles para o nosso lado ou para dentro de nós. Ao pronunciarmos o nosso nome estamos nos apresentando como ser criador na sua essência espiritual, mental, física e biológica.

Segundo Chevalier & Gheerbrant (2006, p.641):

Para os egípcios da Antiguidade, o nome pessoal é bem mais que um signo de identificação. É uma dimensão do indivíduo. O egípcio crê no poder criador e coercitivo do nome. O nome será coisa viva. Encontram-se no nome todas as características do símbolo: 1. ele é carregado de significação; 2. escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa, faz-se com que ela viva ou sobreviva, o que corresponde ao dinamismo do símbolo; 3. o conhecimento do nome proporciona poder sobre a pessoa: aspecto mágico, liame misterioso do símbolo. O conhecimento do nome intervém nos ritos de conciliação, de feitiço, de aniquilação, de possessão, etc. Seu nome não estará mais entre os vivos; essa sentença é a mais radical das condenações à morte. [...] Conhecer o nome, pronunciá-lo de um modo justo é poder exercer um domínio sobre o ser ou sobre o objeto.

A dança individual foi realizada em silêncio. O silêncio é um prelúdio de abertura à revelação, ele abre a passagem, envolve grandes acontecimentos com superioridade e majestade, marca o progresso. Deus só chega a nós quando silenciarmos a mente. “Segundo as tradições, houve um silêncio antes da criação; haverá um silêncio no final dos tempos” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.834).

Por esta dança nos revelamos como queríamos ou como somos. Todos ficaram também em silêncio em respeito a quem se apresentava. Usamos um lenço/véu para a apresentação. O véu pode significar o conhecimento oculto quando é usado ou a revelação de algo quando é retirado. “[...] tomar o véu significa separar-se do mundo, mas também separar o mundo da intimidade na qual entramos numa vida com Deus. A retirada do véu ou dos véus sucessivos [...] representa manifestamente a revelação da luz” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.950).

Muitas vezes usa-se o véu ou cortina para poder ver e não ser visto. Nas danças sensuais as mulheres usam o véu para ocultar aquilo que os homens querem conhecer. “O símbolo também define pelo esoterismo: aquilo que se revela velando-se, aquilo que se vela revelando-se” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.951).

A dança individual foi feita com muita leveza. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2006, p.547):

A sensação ou as imagens oníricas de leveza, que evocam a dança, um véu transparente e flutuante, a graça móvel de certos gestos, a música, tudo que é aéreo, vaporoso, ascensional, têm relação com os símbolos de elevação. Todos estes signos simbolizam uma aspiração a uma vida superior, a uma redenção da angústia já em fase de se realizar, a uma libertação que pode ser buscada ou por meio da evasão – seria uma leveza enganadora – ou pela superação – seria a leveza verdadeira.

Foi entregue o lenço/véu/manto para a outra pessoa. “Entregar seu manto é dar-se a si mesmo”; já “vestir o manto é sinal da escolha da Sabedoria (o manto do filósofo). É também assumir a dignidade, uma função, um papel” ou a proteção, o poder e os ensinamentos de quem a capa ou manto é o símbolo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.589).

O manto ou a capa também são símbolos das metamorfoses na qual o ser humano disfarça as diversas personalidades que ele pode assumir. As metamorfoses podem ser passageiras e ilusórias, negativas ou positivas, castigos ou recompensas. Nas mitologias vemos os deuses se transformarem ou transformarem outros seres. As metamorfoses são símbolos de identificação para a individuação, quando o ser humano ainda não assumiu de todo a sua personalidade e as suas potencialidades. “As metamorfoses são expressões de desejo, da censura, do ideal, da sanção, saídas das profundezas do inconsciente e tomando a forma na imaginação criadora” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.608).

Os tecidos/panos/lenços/véus usados na dança são feitos com fios e tramados na tecelagem. A tecelagem é um trabalho de criação, de nascimento, de movimento com as mãos, de concentração mental. Quando o tecido está pronto, o tecelão corta os fios que o prendem ao tear como se fosse algo de dentro de si que saiu como um filho que nasceu. A tecelagem traduz uma linguagem simples, mas ao mesmo tempo complexa e misteriosa como o próprio homem.

“Tecer é criar sua própria teia. Tecer não significa somente predestinar (com relação ao plano antropológico) e reunir realidades diversas (com relação ao plano cosmológico), mas também criar, fazer sair de sua própria substância, exatamente como faz a aranha, que tira de si próprio a sua teia” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.872).

Os fios se transformam em tecido e este se transforma em roupa. É mais uma vez a metamorfose. Tecer é metamorfose. Transformar o tecido em roupa é outra metamorfose. Dançar é metamorfose.

### **Técnica do Do-In e Relaxamento**

A profª Sonia mostrou alguns movimentos com os dedos sobre diferentes partes do corpo. Era para sentir se havia ou não dores, ou nós, nas partes tocadas.

Do-In é uma modalidade terapêutica de origem chinesa, que utiliza a pressão dos dedos sobre os pontos usados na acupuntura. Também é conhecida como acupressura, quando a própria pessoa faz a pressão nos pontos doloridos.

“Há duas formas de estímulo no Do-In: para acalmar a energia (quando há excesso) e para estimulá-la (quando há deficiência). *Sedação*: o toque sedativo depende de uma pressão contínua no ponto escolhido, que deve durar entre 1 e 5 minutos. *Tonificação*: o toque energético depende de pressões leves e repetidas, durante 1 a 5 minutos” (BARROS, 2004, p.26).

Há cinco pontos principais em cada meridiano: ponto de harmonização, ponto de estímulo, ponto de tranquilização, ponto de alarme, pontos especiais. Os principais meridianos são: meridiano do coração, meridiano do intestino delgado, meridiano da bexiga, meridiano do rim, meridiano do coração, meridiano triplo-quecedor, meridiano da vesícula biliar, meridiano do fígado, meridiano do pulmão, meridiano do intestino grosso, meridiano do estômago, meridiano do baço, meridiano da concepção, meridiano governador (ULRICH, 1980).

Para “liberar tensões musculares causadas pela angústia e ansiedade provenientes em geral do excesso de objetivos a alcançar, conflitos de papéis sociais, sentimentos de culpabilidade” muitos terapeutas tem usado técnicas de relaxamento em seus pacientes nos quais eles “descansam e recuperam as energias depois de esforço físico e mental prolongado” e também com estas técnicas os preparam para dormir em casos de insônia (WEIL & TOMPAKOW, 1986, p.268).

### **Massagem na cabeça, cabelo e nuca**

Outra etapa do nosso trabalho em duplas foi a massagem na cabeça/cabelo e nuca.

A cabeça está relacionada com a razão, o pensamento, a inteligência, o juízo e a emoção. Somos preparados desde pequenos a usar mais o nosso intelecto do que compreender as nossas emoções (CAIRO, 1999).

Pela expressão do rosto podemos observar como a pessoa se sente emocionalmente. Dizem que os olhos são expressões da alma. É pelos olhos que se expressa a tristeza, o amor, a alegria.

Nas orelhas estão os terminais nervosos de nossos órgãos. É também o símbolo da comunicação. Temos duas orelhas para ouvirmos melhor os outros.

Os cabelos estão localizados “na parte mais alta do corpo e cobrem o lado sombrio ou noturno de nosso globo terrestre pessoal” (DAHLKE, 2000, p.88). Eles significam o poder, a dignidade, a força, a virilidade. Muitas lendas, mitos e histórias estão ligados ao cabelo, como o mito bíblico Sansão. “Pentear os cabelos de alguém é um sinal de atenção, de boa acolhida [...] deixar-se pentear por alguém é sinal de amor, de confiança, de intimidade” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p.155).

A nuca segura a cabeça. Sua saúde consiste em estar flexível. Quando ela está rígida sentimos dor que se alastra por todo o corpo. Podemos estar tensos, e é relaxando e fazendo alongamentos que conseguimos que ela melhore. “Quando a Bíblia fala de um povo de nuca rígida, refere-se a pessoas que são limitadas, de espírito estreito. [...] E isto, simbolicamente, nos lembra que nossa inteligência deve permanecer flexível” (LELOUP, 2004, p.122).

Quando relaxamos nossa nuca podemos abrir a nossa mente, o nosso espírito para outras visões de mundo. Pois “a realidade não está somente no alto, ela está também embaixo, atrás, à direita e à esquerda” (LELOUP, 2004, p.122).

O pescoço “é o elo entre a cabeça e o coração”. Quando estamos angustiados sentimos um aperto, um nó ou um travamento na nossa garganta. “Estar angustiado é estar com a respiração bloqueada, com a ‘garganta cerrada’.” Muitas vezes as palavras permanecem presas em nossa garganta nos impedindo de respirar ou de falar, impedindo a inteligência de chegar ao nosso coração (LELOUP, 2004, p.118).

Cabe ao terapeuta, ao arteterapeuta ou ao psicanalista fazer com que o paciente encontre novamente uma forma de dizer as palavras para expressar a alegria, o amor e os desejos mais secretos.

A coluna vertebral carrega todo o peso do corpo. “Todo o peso das sobrecargas físicas conscientes e, sobretudo o das cargas anímico-espirituais inconscientes atuam sobre os discos vertebrais” (DAHLKE, 2000, p.208).

A constante sobrecarga faz com que os discos da coluna vão sofrendo luxações, desgastes e chega um dia que a pressão é tanta sobre os outros elementos da coluna, que a pessoa não consegue mais mover-se e sente muita dor. “Cabe ao Terapeuta devolver àquele que ele cuida, sua coluna vertebral, sua estrutura interior. E ajudá-lo a manter-se de pé para fazer face às provações de sua existência” (LELOUP, 2004, p.110). É fazê-lo, de novo, reencontrar seu eixo, seu lugar no mundo, sua dignidade, ou seja, o seu paraíso.

### **Massagem nos braços**

Os braços podem simbolizar “a ambição, o trabalho, o desejo de realização profissional e a vontade de conseguir seus ideais à sua maneira” (CAIRO, 1999, p.113). A proibição de realizarmos estes desejos, pode provocar a anulação da nossa personalidade gerando conflitos internos que irão provocar algum acidente nos braços, dores estranhas ou alguma doença como reflexo dessa desarmonia. Os nossos próprios pensamentos, dúvidas ou crenças conflituosas com relação ao nosso trabalho também poderão fazer surgir problemas nos braços.

### **Massagem nos pés**

Na planta dos pés encontramos todos os pontos dos órgãos do nosso corpo. Na massagem reflexógena dos pés os pontos dos órgãos internos são influenciados e assim são aliviados ou até curados. Também se pode usar a massagem reflexógena na musculatura e no tecido conjuntivo. “O efeito da reflexologia é tão intenso quanto o da acupuntura e da acupressura” (BIERACH, 1982, p.12). “A reflexologia é um estudo científico dos reflexos” (LAROUSSE, 2006, p.2217).

Cada pessoa tem relações diferentes com os seus pés, com o gosto, o cheiro e as sensações. Numa anamnese psicológica podem-se observar no paciente as sensações de prazer ou de aflição em estar sobre a terra, se foi ou não desejado, se os seus pais possuíam expectativas sobre eles. As plantas dos pés são como raízes, elas podem estar firmes ou soltas (LELOUP, 2004).

Leloup (2004, p.34), relata que “O equilíbrio do corpo, o equilíbrio do nosso psiquismo, o equilíbrio de nossa vida espiritual depende, de certa maneira, deste enraizamento. De nossas raízes. E se as raízes são saudáveis, toda a árvore é saudável. Algumas vezes somos jardineiros, muito atentos à flor e ao fruto, mas esquecemos as raízes, esquecemos os pés. E, portanto, é por lá talvez que deveremos começar os nossos cuidados.”

Segundo Leloup (2004, p.28-29),

O terapeuta pode ajudar alguém a reencontrar suas raízes. Quando esta pessoa não foi desejada, quando não foi esperada ou quando ficou decepcionada por ter vindo a esta terra, o terapeuta pode ajudá-la a reencontrar seus dois pés. Os seus dois pés na terra. [...] E os Antigos nos dizem que se uma pessoa caminha mancando e a olharmos de uma determinada distância, pode nos parecer que ela dance em vez de mancar. Portanto, lembremos-nos que é preciso transformar a nossa vida que coxeia em uma vida de dança, através da compreensão e da aceitação.

Para a criança a descoberta do pé tem um papel importante na sua evolução psicológica. O pé também é o símbolo de nossa força, com ele conseguimos nos manter em pé e eretos (LELOUP, 2004).

Vemos na mitologia muitos pés vulneráveis, o calcanhar de Aquiles, os tornozelos inchados de Édipo, os pés alados de Hermes. “Este símbolo é muito importante porque refere todo um caminho de transformação, de individuação. Assim, passamos do nosso pé ferido, torcido e distendido, nosso pé de Édipo, para o pé alado de Hermes” (LELOUP, 2004, p.30-31). Em algumas terapias se usa a purificação dos pés na água salgada, aonde podemos escorrer nossas fadigas e tensões pelos pés.

Jesus lavou os pés de seus discípulos. Este gesto é um gesto de amor e de cura, pois o ato de colocar-se aos pés de alguém pode ajudá-lo a reerguer-se. “De um ponto de vista simbólico, lavar os pés de alguém é devolver-lhe sua capacidade de prazer, é recolocá-lo de pé” (LELOUP, 2004, p.31).

Ao massagear os pés de alguém podemos deixá-lo mais leve e mais alegre, amar alguém não é só segurar o seu pé, mas cuidar deste pé. O riso, o prazer de viver depende da saúde dos nossos pés, mas também do desejo no qual fomos concebidos e chamados ao mundo. É penoso para alguém rir e ter prazer de viver se não foi desejado, se não foi esperado, há necessidade de tempo de assimilação e de aprendizagem para deixar que o outro acaricie nossos pés e nos dê um novo gosto de viver (LELOUP, 2004, p.38).

Leloup (2004, p.32-33) observa que “Os pés têm a forma de uma semente. Temos no nosso corpo três estruturas diferentes em forma de semente: os pés, os rins e as orelhas. E existe uma conexão entre eles. Os pés escutam a terra e nos enraízam na matéria. Os rins estão à escuta das nossas mensagens interiores [...]. Os rins são grandes filtros que retira do sangue muitas impurezas e existem em nosso corpo coisas difíceis de serem assimiladas e filtradas. Quanto às orelhas, elas estão lá para aprender a escutar os dizeres, as informações que, a partir dessa semente, pode fazer uma flor e dessa flor um fruto. Todas as partes de nós mesmos estão se tornando, estão vindo-a-ser.”

Ao mudarmos o nosso modo de caminhar, o nosso modo de colocar os pés na terra estamos fazendo um exercício espiritual aceitando nossa dimensão terrosa e não somente uma terapêutica psicossomática. O importante é nos reerguermos mantendo os dois pés na terra, reencontrando o sentido de equilíbrio (LELOUP, 2004).

Acariciar e tocar os pés de quem está agonizando é muito importante, pois no último instante de sua existência, a pessoa vive momentos de regressão e reencontra a criança ferida que está nela e assim ser curada (LELOUP, 2004).

### **Massagem nas mãos**

As mãos também podem ser massageadas, o terapeuta pode cooperar com esta mão, cuidando-a, vendo aonde tem pontos mais doloridos.

Leloup (2004), relata que a ponta dos dedos está ligada ao cérebro e a totalidade do nosso corpo. Podemos cuidar do fígado, estômago, etc. somente massageando as mãos. Ele, no Monte Athos, ficou muitas vezes surpreso ao ver os monges, velhos ou novos, que tricotavam. “Essa prática, para eles, era uma maneira de apaziguar o mental. Porque há um elo entre as mãos e o cérebro. Quando rezamos o terço, quando temos as mãos ocupadas em um trabalho manual, quando temos alguma coisa entre as mãos, nosso mental, nossa psique, se acalma. Poderíamos nos interrogar: como sentimos nossas mãos? Como é o contato de nossas mãos com o corpo do outro, com uma pedra, com os elementos que nos cercam?”

### **Emoções**

Precisamos escutar nosso corpo, pois ele não mente. Temos muitas histórias relacionadas ao nosso corpo e em cada uma delas há um sentido a descobrir. “Como o significado dos acontecimentos, das doenças ou do prazer que anima algumas de suas partes. O corpo é nossa memória mais arcaica” (LELOUP, 2004, p.15). Ele é o último que perdoa. A nossa escuta física é muito importante para podermos identificar nosso ponto fraco, aonde o sofrimento, o problema e a doença vem se alojar com mais frequência. Quais as condições psicológicas e espirituais que certas doenças e crises desencadeiam em nosso corpo? Quais os medos ou as atrações que se instalam em nosso corpo? “Compreender nossos sentimentos é compreender nossa reação ao mundo que nos circunda” (VISCOTT, 1982, p.17).

Quando a pressão ao nosso redor é severa demais, o estímulo é percebido com dor. “Os sentimentos positivos ampliam nosso senso de força e de bem-estar, produzindo prazer, uma sensação de inteireza, vida, plenitude e esperança. Os sentimentos negativos interferem no prazer, consomem energia e nos deixam exauridos, com uma sensação de truncamento, vazio e solidão. [...] Os sentimentos negativos têm o impacto da perda, como a percepção de ‘pequenas mortes’ – para onde quer que olhemos. Os sentimentos positivos muitas vezes encontram sua expressão em trabalhos criativos, como uma obra de arte ou uma nova idéia; também podem ser um ato de amor ou bondade. Há neles uma sensação de renovação” (VISCOTT, 1982, p.22).

No nosso dia a dia muitas vezes somos sobressaltados com a ansiedade. Alguma coisa rói o nosso interior e nem sempre sabemos o que possa ser. É que somos o tempo todo sobressaltados com notícias ruins. Em Viscott (1982, p.27) vemos que: “a ansiedade é o medo da mágoa ou da perda; a mágoa ou a perda conduzem à raiva; a raiva contida conduz à culpa; a culpa, não aliviada, conduz à depressão.”

A ansiedade gerando o medo, pode até chegar ao pânico e como consequência perdermos o controle total sobre nosso próprio corpo e mente. Quando estamos com raiva ficamos irritados, ofendidos e sentimos que somos postos de lado, reprimindo a raiva, a mágoa vai aumentar cada vez mais, podendo gerar inúmeras doenças e até tirar os sentimentos bons que há dentro de nós. Só a partir do momento que nós compreendermos verdadeiramente os sentimentos que estão dentro de nós, sem ficar remoendo a dor e sem elaborar fantasias raivosas de vingança é que poderemos exprimir nossos bons sentimentos.

Quando nos sentimos culpados pensamos muito em situações negativas e de tristeza e vamos cada vez mais ficando melancólicos podendo chegar à depressão. “Como a culpa, a depressão ocorre quando a raiva fica recolhida e voltada para o interior de nós mesmos.” [...] “Estar deprimido é sentir-se sem vida,

inibido e exaurido. As funções corporais diminuem de ritmo. Amiúde, as pessoas deprimidas passam mal do estômago e têm o sono perturbado” (VISCOTT, 1982, p.109/113).

Segundo Cairo (2001, p.30 e 31),

A filosofia oriental nos ensina que a saúde do corpo depende da harmonia que encontramos através da expansão da consciência, ou seja, da compreensão profunda de que os pensamentos geram o nosso destino. Não devemos manter em nosso coração emoções como a raiva, o medo, a tristeza ou outros sentimentos negativos, porque somos inteiramente responsáveis por tudo àquilo que criamos. [...] Da mesma forma como a medicina oriental compreende a força das emoções sobre o corpo, a medicina psicossomática explica fisiologicamente, como as doenças são acionadas no organismo. Segundo este ramo da medicina, o estado mental influi nas secreções hormonais e essa alteração faz com que a composição sangüínea se torne propícia à proliferação de vírus e bactérias.

A leitura do nosso corpo é uma leitura infinita. Quando interpretamos o Livro do Corpo, podemos fazer uma leitura que nos mate ou nos salve. O diagnóstico é tão importante, porque é uma informação que se imprime no corpo. Daí a importância de propor a um doente, a alguém que sofre, interpretações diferentes de seus sintomas. Não devemos aprisioná-lo em seus sintomas. Ele é uma pessoa que precisa enfrentar esta doença, fazendo desta doença uma ocasião de consciência e de transformação (LELOUP, 2004).

“Nosso corpo guarda não só as cicatrizes das memórias negativas, mas também guarda as memórias positivas de beleza e felicidade” (LELOUP, 2004, p.117). Ao iniciarmos uma terapia, precisamos nos lembrar das memórias boas, das memórias de luz, das memórias de unidade, da liberdade do coração e do Sopro e não só das memórias traumatizantes. Pois se estamos bem com o nosso corpo e nossa mente, as pessoas e o universo também irão se beneficiar com este bem-estar. “Se estamos em paz há um local do universo que está em paz. Para os antigos, cuidar do seu corpo era, verdadeiramente, cuidar da natureza e da sociedade” (LELOUP, 2004, p.117).

Encontramos a cura quando reencontramos a confiança no outro e em nós mesmos, quando confiamos na vida, mesmo quando vivemos em um período de doença ou de provações. “E podemos respirar no interior da doença. Os sintomas continuarão, mas o sujeito que os tem é maior que eles” (LELOUP, 2004, p.119).

Hoje as pesquisas comprovam o poder da visualização para sermos curados. A Física Quântica está aí para provar-nos. Podemos nos ver como doentes ou vermos a saúde dentro de nós e “é a partir do que está em boa saúde em nós que talvez possamos nos curar. E é isso que eu chamo de sujeito” (LELOUP, 2004, p.121).

As emoções reprimidas também podem ser liberadas com massagens nos locais doloridos, que são formados por nós nos músculos. Ilana Churgin, uma psicoterapeuta norte-americana descobriu que certas pessoas começavam imediatamente a associar a referida tensão com acontecimentos passados ou a revivê-los. Ela elaborou “um método que consiste em provocar verdadeiras catársis e revivências de acontecimentos antigos, através de massagem direta de partes musculares em tensão, ou a partir de simples gestos estereotipados” (WEIL & TOMPAKOW, 1986, p.273-274).

Muitas vezes temos vergonha de expor o nosso corpo, de expor as nossas emoções e sentimentos. “A vergonha, na realidade, não é outra coisa senão um aspecto do medo e, neste caso, o medo do julgamento do outro: tanto isso é verdade que o máximo da formação reativa pode ser uma fobia, quando a repressão é muito profunda e muito forte” (NAVARRO, 1995, p.33).

## Conclusão

Ao observarmos um corpo temos muitas informações que podem nos ajudar a compreendê-lo. A expressão que este corpo possui ao caminhar, ao dançar, ao sentar, ao se alimentar. Olhamos onde está a parte mais dolorida deste corpo ou mesmo aonde se instalam mais vezes problemas, acidentes e doenças. Se olharmos somente um aspecto deste corpo as consequências podem ser muito danosas para ele. Além do terapeuta o próprio paciente pode fazer a anamnese da doença, das emoções, dos sentimentos e verificar até onde quer sentir alívio nos sintomas e enfrentar as possibilidades da sua cura. A cura está no equilíbrio da razão, da emoção, da exposição de seus sentimentos e de seu entendimento espiritual. Somos seres bio-psico-social-espirituais que necessitam viver com saúde e não com doenças. E para isto necessitamos continuar no caminho da pesquisa do nosso corpo, do nosso coração, da nossa alma para agirmos com a razão e assim tratarmos o nosso próprio corpo.

## Referências

- BACK, F. H.; GRISA, P. A. *A cura pela imposição das mãos*. Florianópolis: Edipappi, 2003.
- BARROS, L. C. *Massagens para o corpo: Shiatsu e Do-In*. São Paulo: Caras, 2004.
- BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Vida, 1999.
- BIERACH, A. *Como tratar doenças pela massagem reflexógena*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.
- CAIRO, C. *Linguagem do corpo 2: saúde e beleza*. São Paulo: Mercuryo, 2001.
- CAIRO, C. *Linguagem do corpo: aprenda a ouvi-lo para uma vida saudável*. São Paulo: Mercuryo, 1999.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- DAHLKE, R. *A Doença como linguagem da alma: os sintomas como oportunidades de desenvolvimento*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- FLESH, V. M. *Manual de Reiki: Primeiro Grau*. Florianópolis, s/d.
- JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- LAROUSE. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado*. São Paulo: Abril, 2006.
- LELOUP, J.-Y. *O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- NAVARRO, F. *Caracterologia pós-reichiana*. São Paulo: Summus, 1995.
- STEIN, D. *Reiki essencial: manual completo sobre a antiga cura*. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 2004.
- ULRICH, W. *Livre-se das dores pela acupuntura e acupressura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.
- VISCOTT, D. S. *A linguagem dos sentimentos*. São Paulo: Summus, 1982.
- WEIL, P.; TOMPAKOW, R. *O corpo fala: uma linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.



## RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

---

### 4 - DE UN PASAJE A OTROS PASAJES

*Liliana Edit Barmak*<sup>13</sup>  
*Mónica Bottini*<sup>14</sup>

**Resumen:** El proyecto que implica Arte sin Techo, asociación que agrupa a gente en situación de calle, necesita de cierta flexibilidad para maniobrar entre el discurso social y el del psicoanálisis en una apuesta por el sujeto singular y social. La propuesta: intervenir para hacer surgir a partir del malestar una demanda, una pregunta que conduzca a producir un cambio de posición en un sujeto, cambio incalculable de antemano en sus efectos. Se trata de acompañar a ese sujeto en el pasaje, cifrando el esfuerzo en la expectativa que pueda encontrar algún alojamiento en ese espacio donde intentará promover el despliegue de la creatividad, el trabajo, el sueño, el juego. El taller de Arteterapia queda inscripto en este tiempo-espacio de pasaje; y es en su particular modalidad, un sitio transicional entre un afuera descontentador y desreglado y un "adentro", la asociación, proveedor de límites que sostienen. Incorporar el Arteterapia desde una mirada contextualizada, significa abrir la oportunidad de simbolizar, poner en dibujos, muchos de los valores y creencias de la calle y re-pensar sobre estos. Resignificar. Si bien se trata de diferentes lenguajes, el arte y el psicoanálisis, articulan, tienen puntos en común: ambos, por distintos caminos, apuntan a un desconocido del que puede surgir lo nuevo.

**Palabras clave:** Arteterapia; Discurso Social; Transicional; Resignificar.

#### De umas passagens a outras

**Resumo:** O projeto "Arte sem Teto", associação que reúne moradores de rua, necessita de uma flexibilidade para transitar entre o discurso social e a psicanálise, numa aposta pelo sujeito individual e social. A proposta: intervir para fazer surgir uma demanda a partir do mal-estar, uma pergunta que produza uma mudança da posição do sujeito, mudança esta de efeitos incalculáveis. Trata-se de acompanhar esse sujeito nessa transição, tendo em conta o esforço para poder encontrar algum local que sirva como alojamento e como espaço para desenvolvimento da criatividade, do trabalho, do sonho, do jogo. A oficina de Arteterapia fica inserida neste tempo-espacio de transição, que é particularmente um local de mudança entre um "fora" desregulado e um "dentro" em que a associação é provedora dos limites que os suportam. Incorporar a Arteterapia a partir de uma perspectiva contextualizada, significa simbolizar muitos dos valores e crenças da rua por meio de desenhos e refletir sobre os mesmos. Ainda que se tratasse de diferentes linguagens, a arte e a psicanálise têm pontos em comum: ambas, por caminhos distintos, apontam a um desconhecido, de donde pode surgir algo novo.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Discurso Social; Transição; Refletir.

#### From a passage to other passage

**Abstract:** The project that involves "Art without roof" needs certain flexibility to act between social and psychoanalytic discourses in a bet for the singular and social subject. The proposal: to intervene for making appear a demand from the malaise, a question which drives to provoking a change of position in a subject, change which is incalculable in its effects. The aim is to attend this subject in the passage, setting the effort in the expectation that he can meet a kind of lodging in that transitional space where he will try to display the creativity, the work, the dream and the play. The arte therapy workshop is inscribed in this passage time-place and it is with its particular modality, a transitional space between an outside without contention and rules and an inside (the association) that provide the limits to sustain. To incorporate the arte therapy from a contextualized glance, means to open the opportunity to symbolize, put in drawings many of the street values and believes and think again about those. Re-signify. With different languages, arte and psychoanalysis have in common that both from different roads, aim at something unknown from which something new can come up.

**Key words:** Art therapy; Discourses Social; Transitional; Re-Signify

<sup>13</sup> Liliana Edit Barmak es psicoanalista, lic. en Psicología - Universidad de Bs. As., Junin 1151 piso 8 "B"- Capital Federal-Argentina. E-mail: [liebalis@yahoo.com.ar](mailto:liebalis@yahoo.com.ar)

<sup>14</sup> Prof. Mónica Botín es Lic. en Artes Visuales con Especialización en Arteterapia, Vélez Sarfield 2648- Lanús- Buenos Aires – Argentina. E-mail: [mgbottini@ciudad.com.ar](mailto:mgbottini@ciudad.com.ar)

- PARTE I -

**Liliana Edit Barmak**

“Nuestra personalidad es frágil  
y está más en peligro que nuestra vida” -  
Primo Levi

El recién venido entra al mundo, se sostiene en él por los lazos sociales que constituyen su trama existencial. Ellos van articulando singularmente al sujeto a lo simbólico o sea al modo en que los significantes se enlazan a lo real y a lo imaginario – lo real, lo simbólico y lo imaginario son dimensiones instituyentes del parletre. Los enlaces primordiales operan como soporte libidinal, en particular el vínculo con la madre (o su sustituto) en la integración subjetiva.

Esto hace que las experiencias de los primeros años sean fundantes ya que los acontecimientos se inscriben en el psiquismo, sus marcas son huellas que persisten para siempre, la estructura psíquica se constituye en los primeros años.

El proceso de constitución subjetiva es frágil y está lleno de riesgos.

Los hechos sociales y políticos, la historia que atraviesa al sujeto, en definitiva la cultura y las instituciones, tienen importancia decisiva en la estructuración psíquica, funcionando esencialmente como lugar de un amparo siempre problemático y en riesgo de fracasar.

Cuando un sujeto queda desamparado, cuando sufre la pobreza, la marginación, la exclusión (o bien su amenaza), su subjetividad puede ser arrasada -ejemplo límite es el de los campos de concentración. Aunque en cualquier etapa de la vida se puede intervenir para que alguna operación de subjetivación sea posible, existen limitaciones para ellas,

La pobreza, la marginación, la exclusión (o la amenaza de exclusión) a los que son sometidos algunos sujetos en el contexto social genera sentimientos de vulnerabilidad, inestabilidad, fragmentación de la identidad y de la subjetividad, además de llegar a producir la clausura de la posibilidad de expresarse, de pensar.

### **El arte como intención subjetivante**

Entre las intervenciones mencionadas, cabe destacar aquellas que se sostienen de la capacidad creadora, como modo de aproximarse a situaciones traumáticas.

La creación artística agujerea la continuidad de la realidad cotidiana. Produce objetos irreducibles que no se dejan apresar por las significaciones y explicaciones, que abren a espacios más allá de los sentidos.

La creatividad mantiene siempre un borde real que evoca el origen de nuestra constitución subjetiva. Es palabra que circunda lo indecible, es forma que convoca lo in-forme, es música que remite al silencio primordial. Lo que ella da a ver hace soportable el vacío de lo irrepresentable; dice algo de una verdad a través de una ficción, lo cual no es sin angustia.

La reflexión acerca de lo creado, permite acceder a aquello desconocido, más allá de lo familiar.

Si bien se trata de diferentes lenguajes, el arte y el psicoanálisis tienen puntos en común: ambos, por instintos caminos, apuntan a un desconocido del que puede surgir lo nuevo.

### **Del camino de los murales al pasaje**

Arte sin techo se inició como proyecto con el camino de los murales, allí quien es hoy su coordinadora general convocó a un grupo de gente en situación de calle por un lado y artistas plásticos por otro para iniciar el pintado de murales en las paredes de la ciudad. Pasaron algunos años, se logró un espacio físico para trabajar, se crearon distintas áreas de trabajo, vamos transitando por un camino en el que aún queda mucho por recorrer. Hoy somos un grupo de profesionales del arte, la comunicación, la salud mental que a través de distintos discursos intentamos ir articulando nuestras prácticas.

A mi entender el proyecto que implica Arte sin Techo necesita de cierta flexibilidad para maniobrar entre el discurso social y el del psicoanálisis en una apuesta por el sujeto singular y social. La propuesta: intervenir para hacer surgir a partir del malestar una demanda, una pregunta que conduzca a producir un cambio de posición en un sujeto, cambio incalculable de antemano en sus efectos. Alejados de la idea de asistencialismo, beneficencia, de “hacer el bien” o de “brindar a los que necesitan lo que les falta, ideas estas que reducen la demanda a la necesidad. Se trata de generar las condiciones propicias para que de algún modo, emerja la sorpresa.

Ese espacio no podrá sostenerse de no tener presente que toda pregunta por la dignidad, por el valor de la vida implica la posibilidad de atravesar el límite de la sobre vivencia.

En esa búsqueda por que el sujeto se implique, creamos el espacio de salud mental. Este espacio que coordino, está conformado por tres áreas, articuladas entre sí: entrevistas iniciales, espacio de Arteterapia, taller de cuentos.

Apostamos así a trabajar para que algo de una verdad hable en cada uno. En una apuesta al reconocimiento de que allí hay un sujeto. Se trata de acompañar a ese sujeto en el pasaje, cifrando el esfuerzo en la expectativa que pueda encontrar algún alojamiento en ese espacio transicional donde intentará promover el despliegue de la creatividad, el trabajo, el sueño, el juego. Recursos estos para hacer frente al recuerdo y elaboración de aquellas experiencias dolorosas, de un “pasado funesto”, con las que cargan y que funcionan como razón de no futurización.

Podrán entonces emerger imágenes silenciadas, palabras nunca escuchadas-pronunciadas-. Será entonces un de-volver la palabra armar una superficie en donde algo distinto pueda ser hallado. Para ese pasaje- es imprescindible, dar tiempo, hacer lugar.

Se trata de trabajar para intentar abordar también lo que se agrega a esas formas reales de exclusión (económica, salud, educación, etc.) obviamente tienen efectos en el aparato psíquico, sosteniendo una ética e interviniendo sobre los efectos de la exclusión social, en la constitución subjetiva del uno por uno.

---

En este plano puede encontrarse una amplia gama y diversidad de cuadros (síntomas más o menos graves, quiebres definitivos de la estructura, tendencia al *acting-out*, etc.) que requieran abordajes a considerar en cada caso.

Cuando el deseo está anestesiado, insatisfecho, sepultado, los acontecimientos se suceden en una cadena que dominan y transforman al sujeto en un sujeto puro dolor ... ¡frecuentemente sin registro de ello!: entonces la existencia queda reducida a sí misma, el dolor de existir lo habita.

Si logro aprehender un atisbo de deseo que a veces se cuela por los intersticios de las quejas, de las peleas, de las demandas, (¿)la trasgresión(?), es allí, a través de esas pequeñas grietas que intento colar alguna escucha, alguna pregunta y abrir algún juego. Este será un intento que representa la posibilidad de reintroducirse en ese escenario de donde el Otro lo ha expulsado.

Un hecho colectivo, el perjuicio, da cuenta hoy de una nueva forma de malestar en la civilización. La queja que produce semejante daño frecuentemente se transforma en violentas formas de reparación; muchas veces conducen a la exclusión. Pero... ¿qué sucede con el sujeto “dañado originariamente”? ¿Cómo los acontecimientos históricos afectan a cada sujeto?, ¿que sucede con las identificaciones cuando no existe otro consistente? El sujeto puede identificarse con ese objeto perjudicado, situación que produce inmovilización al tiempo que siente estar autorizado a exigir reparación (sin hacer ningún movimiento, quedándose en ese lugar). Esa injusticia real, la mayoría de las veces, le impide involucrarse y dado que es “excepción” exige trato de excepción. Esto conduce al tema de la ley, de las normas de las que se sienten excluidos (por qué no, ¿por qué tener obligaciones sin derechos?!).

La ubicación en el lugar de la excepción dificulta tanto el cumplimiento de reglas como la eficacia de las sanciones.

Estas últimas corren el riesgo de no operar como efecto de ley, sino que pueden ser percibidas por el sujeto como el capricho de un Otro terrible en cuyo goce se siente capturado. Entonces el riesgo está en que produzcan mayor grado de violencia y sometimiento.

La trasgresión “embriaga” en un goce que obstaculiza la aparición del deseo, a la vez que genera nuevamente sanciones y aún expulsión. Así, se renueva un recorrido circular y repetitivo, vivido como un destino trágico que no es escuchado. ¿Cómo intervenir allí con alguna eficacia que no lo deje por fuera de la ley ni del deseo?

Sostenemos la idea de hacer de Arte sin Techo un lugar que conduzca a la posibilidad de:

HABITAR el nombre propio y HABILITARSE a un nuevo camino.

Se trata en general de sujetos cuyas infancias han sido profundamente marcadas por historias de desarraigo y abandono. Es necesario allí tener muy en cuenta la necesidad de establecer una transferencia que no puede ser distante ya que uno de los temas fundamentales es la enorme dificultad para establecer vínculos y sostenerlos.

Esta situación me lleva a circular en lo que llamo el trabajo de pasillo, Es a través de la “charla” informal, del acercamiento a una actividad, de la pregunta por alguna dificultad que poco a poco se va generando alguna transferencia que lleva a que en algún momento alguien solicite la entrevista. Algo se movió, alguna pregunta surgió, algo del deseo va apareciendo. De allí podrá surgir o no la posibilidad de escucharse y escuchar el punto posible de quiebre. Son muy pocos los que desde el principio piden o aceptan una entrevista que no sea desde la formalidad de cumplir con una norma

Por otra parte lo que parece con mas frecuencia es la imposibilidad de proyectarse, “reina la inmediatez”, el día a día.

Otra característica frecuente es que hay una (re)negación de la situación, cada uno habla de los sin techo como sin involucrarse, son los otros, por lo que un objetivo es el de lograr que el sujeto pueda apropiarse de la situación que lo atraviesa, de su realidad. Así se apunta a que pueda recobrar su historia, su nombre.

Se trata no sólo de la creación del espacio sino también de generar en cada sujeto ese espacio para la creación y la sorpresa que frecuentemente lleva al descubrimiento.

Cada obra tendrá entonces la potencialidad de convertir a su autor en un artista “hacedor” productor de un objeto-del que puede apropiarse- y a partir de allí formular alguna pregunta que lo involucre.

Hace un tiempo leí un texto de Gerard Pommier, psicoanalista, en el que tomando una metáfora del Malestar en la cultura de Freud (1968) escribe “Soy un modesto erizo. Como mis semejantes, distingo con bastante dificultad mis púas y con mucha claridad las ajenas. La vida con mis congéneres, lo confieso, no deja de ser excitante: cuando, brincando, me acerco a uno de ellos, y aunque me parezca que tiene las mejores intenciones hacia mí, indefectiblemente me entumezco. El fenómeno inverso se produce de cuando en cuando. Si por un motivo o por otro uno de mis semejantes se me acerca con interés; compruebo entonces, muchas veces con asombro, que retrocede con más rapidez que la que pone en acercarse; una vez más, y completamente absorto en las maniobras de acercamiento, me había olvidado de mis malditas púas”.

## Referencia

FREUD, S. *Obras completas*. Madrid, España: Biblioteca Nueva, 1968.

## - PARTE II -

**Mónica Bottini**

### Talleres de Arte terapia en Arte sin Techo

Calle: Espacio físico-simbólico DEL ANONIMATO.

Mundo nutrido de ausencias. No hay un semejante cercano ni disponible. No hay encuentro, solo necesidad. No hay respeto a la intimidad. La calle expresa una ausencia en las conexiones que nos ligan. Y también es una realidad ambivalente, por un lado, desprotección, POR OTRO, LIBERTAD SIN NORMATIVAS.

Calle=trueque económico afectivo.

Calle imágenes de riesgo y peligro

Calle mundo hostil amenazante: violencia, droga, delincuencia, mendicidad.

Sin techo.

En situación de calle.

En situación de INTEMPERIE PSICO-FÍSICA

.....

Sin coordenadas de tiempo y espacio; ubicación que el “sin techo” tratará de abordar en la asociación; en la difícil tarea de re-encontrarse, situarse.

Un tiempo de pasaje, un espacio para percibirse y abrirse a un contexto.

Tiempo y espacio para un cambio de dirección que propicie algún sendero mas cierto.

Resulta irrisorio abordar este tema desde la conflictiva personal, individual solamente.; no pueden dejarse de lado los aspectos contextuales. El conocimiento de las dimensiones sociales y políticas que la constituyen. Las conductas observadas, no se verán tan inadaptadas si sabemos de donde han surgido, tal vez sean respuestas razonables a una situación. Debemos apoyarnos en el conocimiento de estos factores y circunstancias .Por otra parte, los ayudaremos a enfrentarse a su mundo interno, asumiendo la realidad, pero, como actores de la misma. Se trata de rotar la posibilidad de abandonar un esquema previo de víctima-victimizado y adaptar otro como sujeto activo sin rótulos ni preconcepciones. Esta experiencia atañe tanto a los integrantes del taller como a su coordinación. Estamos hablando de un proceso modificador de ambos, de una intervención.....

¿NO ES ESTO PARTE DE UN PROCESO CREADOR?

Entonces: ¿QUIENES SON LOS PROTAGONISTAS SOMETIDOS A ESTA CLASIFICACIÓN?

Sometidos a un rótulo, una clasificación y de pertenencia a un lugar donde todos somos anónimos, vinculados a lo instintivo, lo violento, el abandono, la intemperie; los “sin techo”, son una combinada respuesta a

la ineficacia de los estilos de vida urbana, y de estrategias de supervivencia, mendicidad, trabajos informales ambulantes, a veces, fuentes marginales de ingreso. Mayormente poseen un malestar emocional, provenientes en muchos casos de conflictos intrafamiliares, lazos de compromiso inestables, violación de leyes sociales y normas, búsqueda de placer y escape de la realidad

Poseen una autoestima deteriorada, actúan con impulsividad, desconfianza; rechazo a hablar de sus vidas. Son poco ambiciosos.

Crean de continuo, demandas de atención. Aparece el reclamo, ante la mínima expresión de rechazo, temen estar siendo abandonados. Hay temor detrás de sus posturas desafiantes

Hay dificultades de enfrentarse a su pasado y a su situación actual.

El intento de rotar esta posición del sin techo, siendo que mas de las veces está enmarcada por situaciones políticas y económicas descoordinadas; puede parecer una tarea sobredimensionada, pero es un INTENTO REAL de abarcar el tema de lo subjetivo en su dimensión social.

Al espacio de arte terapia, llega el integrante del taller con una postura demandante y con muy poca circulación de deseo. El objetivo será girar al individuo, desde esta actitud de espera de respuestas, a una actitud de PREGUNTA A SÍ MISMO: ¿Qué me pasa?

La disciplina visual que sostiene el taller, resultará propicia, ya que se hace muy difícil plantearlo desde la palabra directa, hay serias resistencia y corazas armadas para sostenerse en este punto.

El taller de arte terapia, es una construcción de prácticas y estas son a su vez la forma material de visualizarse. Es la experiencia de actores sociales (grupo mas arteterapeuta) en una organización simbólica y material del espacio social; en donde se intenta construir un "otro interno", muy distinto de las formas predominantes de exclusión/inclusión, PUES LA EXPERIENCIA MISMA, lo que allí sucede, es la misma inserción.



**Fig. 1 - Integrante del taller**

Ahora bien,  
¿Que lugar tiene el arte en esta construcción?

El arte posee la facultad de hacernos reflexionar sobre verdades difíciles, de retratar vivencias duras, pero sin limitarnos a visiones pesimistas. El arte puede hacer escuchar la voz de lo silenciado y ser oportunidad para evitar la negación de estas realidades.

Puesto que el arte actúa como constructor en el imaginario de los hombres, creador de sentido, cohesión simbólica, concientiza al cuerpo social de sus dramáticos conflictos.

Y el taller de arte terapia queda inscripto en este tiempo-espacio de pasaje; y es en su particular modalidad, un sitio transicional entre un afuera descontentador y desreglado y un "adentro" (la asociación) proveedor de límites que sostienen.

El arteterapeuta facilitará la posibilidad de expresión potencial del integrante, guiando a través de un andamiaje que acompañe la tarea, desde un ambiente contenedor ocupando un lugar de sostén, incentivando especialmente a la tarea.

Trabajar con el potencial de su realidad interna, condición de verdad del sujeto, y su reconocimiento, en contraposición con una realidad externa, es casi hablar de un contrajuego materno. Recrear la experiencia de desamparo. Transicionalidad que no toma la forma de objeto sino la capacidad de confiabilidad del espacio Un hueco donde se construya simiente, de lo subjetivo.

El proceso de pintar y/o verbalizar los contenidos traumáticos de los individuos, permite la integración de afectos, recuerdos pensamientos, sensaciones corporales que antes aparecían fragmentados y lo transportan de víctima a sobreviviente de una situación.

Incorporar el arte terapia desde una mirada contextualizada, significa abrir la oportunidad de simbolizar, poner en dibujos, muchos de los valores y creencias de la calle y re-pensar sobre estos. Resignificar.

¿Cómo pretender ayudar a modificar su visión, si la mayor parte de las veces sus accionares son irreflexivos? Saber sus puntos ciegos apuntara al diálogo reflexivo

Se trabaja sin inocencia, es fundamental saber reconocer las situaciones reales de injusticia y la manera en que ellos utilizan esta grieta en favor propio para auto rotularse y obtener concesiones.

Por qué hablamos de una experiencia artística dentro del taller?: Porque cobra sentido el “hacer artístico”, desde donde el integrante podrá hablarnos conciente y aún inconscientemente, intentará realizar un trazo que pueda ser representación de si mismo Lo visual será la herramienta cuyo VALOR RESIDE EN PODER PRODUCIR ALGO PROPIO, separado de sí mismo como objetivación de esa experiencia artística.

El “hacer”, contribuye a la aparición del “ser constructivo”, en situaciones traumáticas, como las situaciones de calle, son la violencia, la desconfianza elementos que se vuelven cotidianos y pernean la vida. La posibilidad de construir, a través del acto creador, crea nuevos circuitos desde donde abordar posibilidades de autovaloración y cuidado de lo propio, así como apropiación de objetos personales (esto lo hice yo, no sabía que lo podía hacer y lleva mi nombre, es mío).El trabajo arduo y la continuidad del proceso, apunta a una segunda instancia, en donde el integrante pueda verse reflejado tanto en la experiencia como en el producto de esta, para poder decir: Esta es mi obra.

De esta manera podríamos apuntar a una tercera instancia: la posibilidad de una muestra de taller, la mirada de un tercero. La mirada social.

Para ello habrá que resolver cuestiones éticas, tan poco evaluadas, dada nuestra juventud en la disciplina; puesto que en este grupo humano, mas que en cualquier otro, el hacerse visible, a partir de una postura de “sujeto con interioridad”, y no a partir de calificaciones políticas sociales, ni económicas, hace refuerzo a su identidad.

¿Entonces, en qué contexto? ¿Dentro o Fuera de la asociación? ¿Dónde? ¿En instituciones artísticas o de salud?

¿Es una obra artística por ser realizada en un taller de arte terapia? ¿Son artistas los integrantes del taller?

¿El producto, requiere de las normativas válidas para cualquier exposición? (¿nombre de quien lo hizo, nombre de la obra, técnica...., consigna sobre la que se trabajó?)

¿Es un espacio con resguardo de secreto profesional?

¿Qué valor, subjetivo y comercial, tiene un producto surgido en un espacio de estas características? ¿El valor es por su expresión o por su cualidad estética?

¿Qué pasa cuando una obra se vende?

¿El autor es siempre consciente de lo que realiza?

¿Qué pasa cuando una obra se pierde? Hay legislación que la resguarde?

Para todo ello Arte terapia deberá anclarse con mayor solidez en lo institucional, y ello, lleva implícito la idea de trabajar, nosotros, los arterapeutas de esta territorialidad, con un camino común; lejos de individualismos que solo nos debilitan, pero mas cerca en la comunión de los problemas identitarios que nos aquejan.

Abogo por la creación de una arte terapia latinoamericana, que defina lineamientos propios para nuestro contexto, que se esfuerce por la aparición del sujeto/subjetividad reivindicando valores de pertenencia; alejándose del mero entretenimiento y de las políticas para la sobrevivencia,

En el tema específico de Arte sin Techo, el sentido de pertenencia a un lugar, se creará en el taller, a través de la continuidad de las rutinas .Las rutinas generando orientación en caminos seguros. La orientación solo genera una matriz flexible y grietas por donde surja lo espontáneo, cuando lo espontáneo se normatiza (ej.:lavado de pinceles), la norma ya no es impuesta, hay sentido comunitario y un objetivo que acuna por detrás: crear valores, estructura de grupo, hasta una dimensión ideológica, necesidad de un lenguaje común, desarrollo de conciencia social.

La coordinación y actividades deben ser estables y predecibles, constantes y confiables sin promesas ni falsas expectativas incumplidas.

Poder establecer rutinas en conjunto, fijar con anticipación las actividades a resolver, no improvisar, incorporar la sensación de que el mundo es algo más predecible. Conferir orden a la experiencia, es de, alguna manera, devolverles el control de sus propias vidas, que puedan tener una voz; que puedan decidir algunos elementos de la organización es fortalecer su autonomía, su confianza a en sí mismos, es una manera de mostrar que se les respeta.

En cuanto al vínculo concertado; el proceso de construcción de un vínculo, concierne ante todo al nivel simbólico, consta de aproximaciones y retiradas, puestas a prueba y señales de confianza, negociaciones, administrando velocidad, frecuencia e intensidad de lo afectivo. Tener claro los límites, de ambos, sostiene la situación de una manera real y puede servir para el registro de vínculos anteriores dolorosos. Hacer intervenciones explícitas para compartir lo que ellos necesitan comunicar, no lo que se desearía escuchar.

Por último y para resumir:

En el taller de arte terapia de la Asociación Arte sin Techo., organizamos con imágenes tramas significantes. En la medida en que se pinta, se dibuja; y mientras tomamos mates, reímos, escuchamos, comprendemos; aportamos al CAMINO DE NUESTRO ITINERARIO SUBJETIVO.



**Fig. 2** - Producción del taller

### Referencia

FREUD, S. *Obras completas*. Madrid, España: Biblioteca Nueva, 1968.

### Bibliografía

ASSOUN, P. L. *El perjuicio y el ideal*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión, 2001.

AUGÉ, M. *Los espacios del anonimato*. Buenos Aires, Argentina: Distal, 2003.

WINNICOTT D. *Deprivación y delincuencia*. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2001.

## 5 - UNA PEDAGOGÍA PARA LA FORMACIÓN DEL ARTETERAPEUTA: ESTRATÉGIAS DIDÁCTICAS EN LA PRIMERA ESCUELA ARGENTINA DE ARTETERAPIA

*Alejandro Reisin*<sup>15</sup>

**Resumen:** Este trabajo despliega el sentido que cobra la currícula en nuestra propuesta educativa donde aprendizaje y transformación, se vierten en la formación del arteterapeuta en las articulaciones de arte y producción de subjetividad, en un compromiso que tenga en el hacer arteterapéutico -en sus diferentes dispositivos-, una orientación hacia la promoción de salud.

**Palabras clave:** Arteterapia; Enseñanza; Educación.

### Uma pedagogia para a formação do arteterapeuta: estratégias didáticas da Primeira Escola Argentina de Arteterapia

**Resumo:** Este trabalho desdobra sobre o sentido que carrega o currículo em nossa proposta educacional no qual aprendizagem e transformação embasam a formação do arteterapeuta nas articulações de arte e produção de subjetividade, em um compromisso no fazer arteterapéutico - em seus dispositivos diferentes -, uma orientação para a promoção de saúde.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Ensino; Educação.

### The pedagogy for art therapist formation: didactic strategies of the First Argentina' School of Art therapy

**Abstract:** This work unfolds about the sense that loads the curriculum in our educational proposal in which learning and transformation base art therapist formation in the subjectivity art and production articulations, in a commitment in the do arteterapéutico - in their different devices -, an orientation for the health promotion.

**Key words:** Art Therapy; Teaching; Education.

La formación del rol supera la de un mero pasaje de información, ésta no es sin transformación: el objeto de estudio implica al sujeto que aprende.

El aprendizaje produce afectaciones significativas para crear y desarrollar actitudes en torno al abordaje arteterapéutico desde las distintas expresiones artísticas. Éstas constituyen vías para el desarrollo de la expresión, la creatividad, la comunicación intra e ínter subjetiva, la organización de diversas instancias psíquicas, la vincularidad, en donde puedan integrarse las emociones y las ideas con el hacer, el accionar de sujetos y objetos artísticos. Es entonces en esta integración con lo teórico, donde se efectúa el aprender.

El dispositivo arteterapéutico es fuente potencial posibilitador de modificación de actitudes, creencias, comportamientos, maneras de relacionarse, aspectos vocacionales, así como habilitador del desarrollo de potencialidades de salud, artísticos y creativos. La transposición didáctica cobra aquí una especial importancia.

A modo de puntuación de la propuesta educativa implicada en la formación del arteterapeuta, ubicaremos ciertos tópicos que atraviesan su recorrido. Para una formación íntegra que pueda dar cuenta, en lo real de las prácticas, de la diversidad de saberes que allí se entrecruzan y los múltiples caminos que pueden tomarse, hemos organizado estrategias didácticas con recursos dinámicos fundamentados en los aprendizajes significativos.

<sup>15</sup> Licenciado en Psicología (Argentina). Profesor de Psicología en nivel medio y superior. Psicólogo social. Co-fundador y director de la primera Escuela de arteterapia da Argentina. Músico. Autor de los libros: Arteterapia: semánticas y morfologías (2005), Subjetividad y estrés docente (2002), Creatividad, psiquismo y complejidad (2000) e Psicomúsica, en el arte, lo pedagógico y lo Terapéutico (1994). Site: [www.alejandroreisin.tk](http://www.alejandroreisin.tk) E-mail: [alereisin@yahoo.com.ar](mailto:alereisin@yahoo.com.ar)



Proponemos con estos diagramas de rutas a transitar, desde la especificidad de sus metodologías y en un aprendizaje integrador, superar las dicotomías *teorías – prácticas* contrapunteando y dialectizando los saberes procedí mentales con los conceptuales.

Las metodologías que parten de ciertas vivencias para acceder a ciertos contenidos (no únicamente conceptuales) se sostienen en una lógica de constitución y construcción de conocimientos que apuestan a la entereza y complejidad de la propia consistencia de su praxis. Ésta se da en el contrapunto del *saber qué* (saberes conceptuales) con el *saber cómo* (saberes procedí mentales o *saber hacer*). Este proceso, entendido como la elaboración continua de los saberes (pertinentes en esa praxis), supone y requiere la dialectización del sujeto que aprende con el objeto de aprendizaje. Ni uno ni otro son entidades fijas, es decir: concebimos tanto al sujeto como al objeto de conocimientos, como construcciones continuas, con capacidades potenciales de creación.

Cuando nos referimos a saberes teóricos y saberes prácticos: ¿de cuáles saberes se trata y para qué, en función de qué están? Las cosas y los objetos no resisten a ser mirados, no desean ni solicitan nada. Es nuestra mirada como acto de apropiación la que constituye en aquellos, niveles de comprensión, de captación de sentidos. Éstos se apoyan en saberes previos y marcos de percepción y categorización tanto singulares como colectivos. Es difícil de pensar que un saber esté desprovisto de otros que lo constituyan. Es decir, tanto lo teórico se edifica a partir de abstraer lecturas sobre lo práctico (por así llamarlo) y cualquier acción y aplicación o acto *con* y *en* cosas, en aquello que Freud llamó *realidad material*, supone un cuerpo con ciertas organizaciones simbólicas que lo sostienen.

Uno de los obstáculos respecto de las actitudes del aprendizaje es la inercia de la *biografía educativa* subjetiva. Éstos implican a:

1. la relación de los saberes previos con los novedosos;
2. las formas de la enseñanza y el trabajo de aprendizaje,
3. las metodologías dialógicas y
4. el vínculo con la lectura.

Se presenta a menudo una dicotomía entre la motivación por saber y la disponibilidad para aprender.

Nuestro propósito sintoniza con pensar un proceso que tenga como protagonistas alternativos y simultáneos al sujeto y al objeto de conocimiento, en distintas posiciones, a considerar:

1. como centro organizador del acto educativo al sujeto y como periferia al objeto (saberes) y 2. que a la vez sitúe metodológicamente al objeto de conocimiento como centro organizador de la tarea de aprendizaje y al sujeto como desde una periferia que le permita preguntarse (acercándose, tomando contacto) sobre las condiciones de existencia de ese objeto a apropiar.

Dada la complejidad de esta temática y la doble apuesta de realizar este proceso en los aprendizajes, propugnamos construir recorridos para producir:

***Contenidos altamente significativos y metodologías apropiadas para la elaboración del sujeto en el vínculo con el objeto, en situaciones dialógicas y creadoras, de los saberes a aprender.***

Para esto muchas veces podremos asirnos de recursos dinámicos o metáforas que inviten a tomar contacto con lo significativo a trabajar, priorizando esa vinculación sujeto-objeto, organizada desde la tarea (definida ésta como apropiación de saberes teóricos-prácticos).

Por ejemplo, para problematizar el estudio de los grupos primarios, se pueda proponer el despliegue de una situación a dramatizar: “una cena familiar”. Tras la condensada y reconocible modalidad de interacción, se despliegan innumerables cuestiones teóricas a trabajar, con un material bibliográfico referente (a leer a posteriori). La misma puede continuar en una invitación a escribir pequeñas escenas o fotos de situaciones familiares (preferentemente inventadas). Con estas escenas pueden modificarse posteriormente algunos de los integrantes, “inventando” así, posibles caminos a devenir (*qué pasaría si esa tía estuviera aliada con la sobrina en vez de con la hermana...*)

En esta dinámica de producción, se trata del *pasaje del juego de las formas a la metaforización de los contenidos*. Y la construcción inversa, *del juego con los contenidos para metaforizar y dar formas* que lo expresen y que hagan multiplicar instancias de acrecentamiento de contenidos.

La apuesta por un aprendizaje altamente significativo y convocante, con una implicación del propio posicionamiento frente al objeto de conocimiento, producen una gran riqueza en el proceso de captación-elaboración-producción de los saberes teórico-prácticos.

El especial cuidado del ***vínculo pedagógico*** requiere una articulación entre la apropiación del objeto de saber, los objetos de conocimiento, el aprendizaje del mismo por parte del/los sujeto/s, la metodología didáctica, las transformaciones que se dan a nivel de lo cognitivo y su impacto subjetivo, la vincularidad entre educandos, educador y

conocimiento y el plano de las interacciones en la horizontalidad de los grupos haciendo de aquél, toda una compleja apuesta de integración de arte y ciencia.

Esta articulación no tiene una secuencia cronológica sino consecuencias lógicas. Los entrecruzamientos de vincularidades, relaciones e interacciones de sujetos y objetos no permiten la linealidad de un plan de recorrido *extenso*, sino la apertura de un espacio de tránsito por el cual realizar trayectorias *intensas* en construcción dialógica.

El conocimiento no está pensado como algo fijo o un ente objetivo del cual hay que poder adueñarse, sino más bien un **objeto vivo** a construir en el espacio del encuentro del sujeto en su accionar sobre lo que aquél propone en su lógica simbólica como espacio convocante. A esta complejidad hay que sumarle el trabajo sobre las miradas en ese proceso, que requieren de la implicación singular de cada cual a la que hacíamos referencia. Singularidad que se pone en juego en la subjetividad colectiva, con el otro -diferente de mí-.

A modo de un estuario, consideramos estructurante de la formación el pasaje-recorrido por ciertos ejes que en un sentido transversal, ligan y argumentan desembocando en ciertas relaciones entre conceptos, marcos teóricos, prácticas, técnicas, metodologías, materiales y experimentaciones de aprendizaje, en pos del sentido al cual apunta la formación.

Estos ejes se anudan al concepto de *grupalidad*, a la preganancia de lo corporal -en tanto *cuerpo* de emociones, sensaciones, expresiones, comunicaciones, saberes, etc., a la relevancia de lo *singular* en tanto privilegio de la mirada y posicionamientos subjetivos y la *complejidad* como marco teórico, donde el entramado de variables y combinatorias solicitan un proceso de construcción *vincular*. Todos ellos desde la *metaforización* que el arte en la multiplicidad de sus diversas expresiones, habilita.

\* \* \*

Nuestras apoyaturas en la formación institucional toman tres espacios diferenciados y articulables: 1. los lenguajes artísticos, 2. los saberes de la psicología y 3. las intervenciones arteterapéuticas.

El plan de estudios está organizado en 7 módulos de 5 meses cada uno o en tres años de una cursada de dos veces a la semana, con un total de 720 h.

1º módulo: Psicología, Taller de Plástica (By dimensión), Creatividad, Taller de Danzas.

2º módulo: Psicología Evolutiva, Taller de Títeres, Grupos, Taller de Teatro.

3º módulo: Sicopatología, Taller de Escritura, Psicodrama, Taller de Música.

4º módulo: Psicología de la Discapacidad, Taller de Máscaras, Arteterapia General, Taller de Plástica (Tridimensión).

5º módulo: Integración de áreas, Gestalt, Abordajes corporales, Espacio de Producción Grupal.

6º módulo: Arteterapia Plástica, Arteterapia Títeres, Arteterapia Danzas, Arteterapia Escritura.

7º módulo: Arteterapia Música, Arteterapia Teatro, Arteterapia Máscaras, Arteterapia Integración de áreas.

Prácticas de coordinación - Supervisión (posterior al 6º módulo).

En la especificidad de la formación del arteterapeuta, hallamos que ésta implica en relación a lo artístico, la posibilidad de desempeños, manejos, tanto de saberes técnicos del arte (no necesariamente como artista, sí como lenguaje) como de lo expresivo, -dimensión de las experiencias – vivencias-. Pensamos en la conjunción de competencias y desempeños en tanto éstas se desplegarán en el hacer arteterapéutico.

Respecto al recorrido por los talleres de arte, se espera de éstos que produzcan un espacio de apertura experiencial y vivencial en los futuros arteterapeutas y que el pasaje por las técnicas de arte, puedan otorgar en el *a posteriori*, un espacio de la reflexión y producción conceptual, aquella dimensión teórica del hacer empírico.

El proceso formativo en Arteterapia desde esta propuesta pedagógica precisaría de:

a) Un compromiso que involucre las dimensiones ideológicas, teóricas, técnicas, metodológicas y materiales. Éstas -solidarias e interdependientes-, aparecen en cada acto, en una compleja relación simultánea de implicación mutua.

- *Ideológico*:

Situar los posicionamientos propios respecto de las concepciones de los procesos salud-enfermedad-atención, el arte y las producciones artísticas, los sujetos y los objetos, el aprendizaje y la creatividad como producción simbólica.

- *Teórico*:

La construcción de un conjunto de saberes que sostienen el hacer de la praxis arteterapéutica.

- *Técnico*:

Implementación de las herramientas que potencializan los procesos arteterapéuticos.

- *Metodológico:*

En las articulaciones teórico-técnicas del Arteterapia, donde aparece la consistencia de las operaciones que articulan lo ideológico, lo teórico y la praxis.

- *Materiales:*

La materialidad de un hacer con las cosas y los objetos, a través de los lenguajes de arte, que habilitan los procesos arteterapéuticos.

b) La apropiación de una concepción de Sujeto como productor de sentidos singulares, en una subjetividad social productora de sentidos y capaz de construir otros nuevos para sí y para los otros, a través de las prácticas articuladoras entre Arte y Salud, en los dispositivos arteterapéuticos.

Esta concepción de sujeto desde una subjetividad social que propone trayectorias singulares de apropiación de esa subjetividad, es responsable de su protagonismo en tanto sujeto co-creador de los vínculos ínter subjetivos.

c) La construcción de una ética profesional desde la responsabilidad y la mirada crítica hacia las instituciones, las prácticas, los pacientes, educandos y demás actores indirectos, así como de los profesionales tanto de la misma como de otras disciplinas para el desempeño del rol comprometido con su hacer, en pos de la promoción y potenciación de salud, entramada en el dispositivo arteterapéutico del que se trate.

Este posicionamiento ético tiene apoyaturas en el cuidado del otro en la relación arteterapéutica, dialectizado en el cuidado de sí y del proceso que juntos construyen.

A modo de conclusión, podemos decir que un proceso de formación es capaz de continuo crecimiento y, dado que el desempeño del arteterapeuta requiere de un gran compromiso subjetivo, sostenemos que en el espacio de diálogo y co-creación, ésta puede nutrirse en pos de un desarrollo profesional que conforme un cuerpo coherente teórico-práctico que articule los lenguajes artísticos con los lineamientos de la promoción de salud en sus diferentes ámbitos y niveles.

## ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

---

### 6 – RESUMO DE TESE:

VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia com criança hospitalizada: uma análise compreensiva de suas produções**. 2007. 222 f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

*Ana Cláudia Afonso Valladares*<sup>16</sup>

**Resumo:** A hospitalização pode desencadear na vida da criança adversidades e estresse no curso do seu desenvolvimento natural. Diante da preocupação com a saúde mental da criança hospitalizada e na busca de atendimento às suas necessidades vitais, vê-se a possibilidade da inserção da Arteterapia, com suas atividades lúdicas, no ambiente hospitalar pediátrico, tendo em vista que favorece o desenvolvimento da expressão e criação infantil, bem como o crescimento global da criança, motivo pelo qual deve fazer parte da vida delas, especialmente daquelas hospitalizadas. Este estudo objetivou realizar uma análise compreensiva das produções plásticas de uma criança hospitalizada, a partir da Psicologia Analítica, buscando apreender as transformações das representações plásticas que ocorreram ao longo do processo arteterapêutico. Escolheu-se como percurso metodológico a pesquisa qualitativa, que privilegiou analisar o conteúdo e a evolução das produções plásticas da criança hospitalizada. Compôs o estudo o *corpus* das produções plásticas de uma criança de oito anos de idade, com diagnóstico de meningite, internada em um hospital público de Goiânia/GO, a qual passou por intervenções breves de Arteterapia. A análise de dados evidenciou que, ao projetar suas imagens nas produções plásticas, no decorrer da avaliação inicial à final, a criança expôs sua história de vida e seu momento existencial, e também mostrou como estavam organizados seus conteúdos internos, como essa organização foi se modificando ao longo do processo arteterapêutico em favor de seu fortalecimento, crescimento e desenvolvimento psíquico. A realização deste trabalho mostrou que a criação de espaços para as intervenções de Arteterapia muito contribuirá para facilitar a expressão das crianças de forma mais produtiva, bem como para transformar o ambiente hospitalar em local propício ao desenvolvimento saudável da criança.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Saúde Mental; Teoria Junguiana; Enfermagem Psiquiátrica; Criança Hospitalizada.

VALLADARES, A. C. A. **The Art therapy with hospitalized child: a comprehensive analysis of their productions**. 2007. 222 f. Thesis (Doctoral) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

**Abstract:** Hospitalization can break out adversities in child life and can also be a stress event in her development. Due to the concern about mental health and vital needs care of hospitalized child, art therapy activities can create in pediatric units a healthy environment that will favor self expression. This study aimed at a comprehensive analysis of a hospitalized child's plastic productions from the Analytic Psychology perspective, focusing on her plastic productions changes along the therapeutic process. The qualitative research as the method applied pointed up both the content and the evolving of her plastic productions. The case was the corpus set of an inpatient eight year old child, with meningitis, in a pediatric unit of a public hospital of Goiania/GO. The analysis of data showed that child's works expressed her life story, worries and fears as well as positive feelings and ways of handling the adversities. The accomplishment of this work showed that the creative setting of art therapeutic interventions will contribute to facilitate children's more productive forms of expression, as well as to transform the hospital environment in propitious location to children healthy growth.

**Key words:** Art therapy; Mental Health; Junguian Theory; Psychiatric Nursing; Hospitalized Child.

---

<sup>16</sup> Arteterapeuta. Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG). Presidente da Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA) e Membro do Conselho Diretor da União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT). E-mail: [aclaudiaval@terra.com.br](mailto:aclaudiaval@terra.com.br)

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia con niño hospitalizado: un análisis de conocimiento de sus producciones**. 2007. 222 f. Tesis (Doctorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

**Resumen:** La hospitalización puede desencadenar en la vida del niño adversidad y tensión en el curso de su desarrollo natural. Debido a la preocupación con la salud mental del niño hospitalizado y en la búsqueda del atendimento a sus necesidades esenciales, se ve la posibilidad de la inserción de la Arteterapia, con sus actividades lúdicas, en el ambiente hospitalario pediátrico, teniendo en cuenta que favorece el desarrollo de la expresión y creación infantil, tanto como el crecimiento global del niño, razón por la cual debe hacer parte de sus vidas, especialmente de aquellos hospitalizados. Este estudio tuvo como objetivo realizar un análisis comprensivo de las producciones plásticas de una niña hospitalizada, a partir de la Psicología Analítica, buscando comprender las transformaciones de las representaciones plásticas de la niña, a lo largo del proceso arteterapéutico. Fue escogido como recorrido metodológico la investigación cualitativa, que privilegió analizar el contenido y la evolución de las producciones plásticas de la niña hospitalizada. Compuso el estudio el *corpus* de las producciones plásticas de una niña de ocho años, con diagnóstico de meningitis, internada en un hospital público de Goiânia/GO, que pasó por intervenciones breves de Arteterapia. El análisis de datos demostró que, al proyectar sus imágenes en las producciones plásticas, en el transcurrir de la evaluación inicial para la final, la niña expuso su historia de vida y su momento existencial, y también mostró como estaban organizados sus contenidos internos, como se organizaba e iba siendo modificado en el decorrer del proceso arteterapéutico a favor de su fortalecimiento, crecimiento y desarrollo psíquico. La realización de este trabajo mostró que la creación de espacios para las intervenciones de Arteterapia contribuirá mucho para facilitar la expresión de los niños en una manera más productiva, tanto como transformar el ambiente hospitalario en sitio favorable al estímulo saludable del niño.

**Palabras-clave:** Arteterapia; Salud Mental; Teoría Junguiana; Enfermería Psiquiátrica; Niño hospitalizado.